

ANO XXIV  
Nº 54  
DEZEMBRO 1996

# a chama

Editada pela APM do Colégio São Vicente de Paulo



**FACE A FACE**  
em busca de  
**SOLUÇÕES**

Eles "não querem nada"

**Menino de Rua**  
precisa de **Atenção**

# Mensagem de Natal

do Colégio São Vicente de Paulo

**"Neste lugar estabelecerei a Paz."**  
(Ageu, 2,9)



**Prometida por Deus em relação ao Templo de Jerusalém em reconstrução, a Paz foi anunciada pelos Anjos de Belém em favor de todos os Templos vivos, "as pessoas de boa vontade". Foi depois invocada na saudação aos apóstolos - "a Paz esteja convosco" (Lc. 34, 36) - pelo Cristo ressuscitado que é, Ele próprio, "a nossa Paz" (Ef. 2,14).**

**A cada final de ano, voltamos a desejá-la a todos, particularmente aos que conosco comungam na esperança de novos tempos, isto é, da construção de um mundo melhor. Recebam, pois, da Comunidade do Colégio São Vicente de Paulo, os mais sinceros votos de Alegria, Esperança e Paz neste Natal e de grandes êxitos em 1997.**

## SUMÁRIO

- 1 Cartas  
*Alunos concluintes - 1995*
- 2 *Eles "não querem nada"?*
- 3 *Você estará lembrado...*
- 11 *Boas-Novas no Supletivo*
- 12 *Cara a Cara com as drogas*
- 13 *Face a Face*
- 14 *Menino de rua*
- 15 *Profissionalização e Cultura*
- 16 *Educação para uma sociedade mais justa / Proposta Educacional*
- 18 *O Parque do Caraça*
- 20 *Riodança*
- 22 *Olimpíada*
- 24 *Um contrato de risco*
- 29 *Teatro no São Vicente: 20 anos*
- 30 *Funcionários do CSVP*
- 32 *Um sonho realizado*
- 33 *A Escola-Memória*

## NOSSA CAPA

Desenho do aluno

Mateu de Athayde Velasco.

Criação da capa e da Mensagem de Natal:  
Vanja Freitas.

# a chama

Editada pela APM  
(Associação de Pais e Mestres)  
do Colégio São Vicente de Paulo.  
Ano XXIV - Nº 54  
Novembro de 1996

Rua Cosme Velho, 241  
Cosme Velho  
Tel. (021) 556-0796  
CEP 22241-090  
Rio de Janeiro - RJ

*Supervisão Editorial*  
Pe. José Pires de Almeida  
Walter Hess  
Lucília Hess

*Editoração*  
Gustavo Barbosa

*Edição visual*  
Conceito Comunicação

*Revisão*  
Jorge Maurílio

## Editorial

A atual diretoria da APM, agora já no último semestre de sua gestão, organizou e expôs um projeto de reforma das bibliotecas do Colégio São Vicente de Paulo, desejo que se manifestava desde a sua posse. E é preciso que se acentue: desejo compartilhado por muitos alunos, professores e pais, manifestado em inúmeras conversas informais.

Colégio vibrante, questionador, com uma proposta educacional voltada para as mudanças que se fazem necessárias na sociedade, o São Viça - no dizer carinhoso de alguns adolescentes - pedia, já há algum tempo, uma biblioteca mais viva, atraente e informatizada: uma biblioteca/midioteca/espço cultural. E o que seria isto? Poderíamos caracterizá-la como um espaço onde convivem mesas de trabalho, coleções de revistas, CD-ROM, documentos audiovisuais e um local para outras atividades culturais.

Esse projeto encontrou estímulo por parte da diretoria e corpo docente do colégio, e já está em fase de execução. Precisamos que a próxima diretoria da APM dê continuidade a essas idéias, para que no início do ano letivo de 1997 os alunos e professores já possam utilizar esses novos recursos, que acreditamos serem necessários, úteis e interessantes para o programa educacional que se realiza no Colégio.

E, sendo este o último editorial da atual diretoria, aproveitamos para falar do quanto nos enriquecemos com a participação mais efetiva que nos foi solicitada nos dois últimos anos. Despedimo-nos com a certeza de que há sempre muito a fazer, e que a colaboração ativa é um instrumento absolutamente necessário para que mudanças ocorram permanentemente.

Concordamos com o nosso querido Padre Almeida, quando diz que no dia que uma escola estiver pronta, está na hora de encerrar suas atividades. Pois o colégio que desejamos para os nossos filhos - aquele com que sonhamos - precisa ser construído dia após dia.

### ERRATA DOS NºS ANTERIORES:

Em setembro de 1973 surgia o primeiro número de *A Chama*.

Em dezembro de 1993, estávamos em nosso nº 50, mas por engano a edição saiu registrada como nº 28. Isso provocou erros na numeração das três edições seguintes (dezembro de 1994, agosto de 1995 e março de 1996): elas saíram como nºs 26, 27 e 28, mas o correto seria 51, 52 e 53.

Pedimos desculpas aos leitores, e aqui fica estabelecida a numeração certa: esta edição que você tem nas mãos é a de nº 54, ano XXIV.

# Cartas

*Trechos de cartas de pais de alunos ao Colégio:*

■ ESTAMOS MUITO SATISFEITOS com o Colégio, eu e meu marido. Acharmos que nossa filha "cresceu" muito durante este ano. Sua timidez fazia com que ficássemos preocupados com a adaptação num colégio grande como o São Vicente, mas, até o momento, só temos notado efeitos benéficos: ela está bem mais solta, desembaraçada e temos certeza de que o colégio tem muito a ver com isto. E é claro que, quando nos referimos ao Colégio, estamos falando não só da filosofia desta casa de ensino, mas, principalmente, da equipe e, em particular, da professora, com seu desempenho em transformar este grupo de alunos em uma "turma" e seu carinho e atenção com cada criança em especial.

Quanto ao conteúdo pedagógico, também estamos cada vez mais convencidos de que fizemos a escolha certa. Concordamos com a idéia de que é muito importante a formação do cidadão como ser participante da sociedade e de que isto se dá através do estímulo do raciocínio. E é isso que temos notado nos trabalhos que as crianças realizam: cada opinião é considerada.

Enfim, nossa filha durante este ano conheceu um novo espaço (e que espaço!), fez muitas amizades, se desenvolveu em muitas áreas, está vencendo a timidez e, principalmente, **está muito feliz!!!**

Só temos que agradecer.

(outubro/1996)

■ MINHA FILHA VEM TENDO um desenvolvimento que eu considero muito bom. Parece superinteressada em tudo o que vem aprendendo, curiosa sobre tudo que se passa a sua volta. Amadureceu bastante, estando hoje muito independente.

É cada vez mais caprichosa e envolvida com a responsabilidade das tarefas.

Em resumo, estamos muito satisfeitos - eu, o pai dela, e principalmente, minha filha.

Parabéns por seu trabalho.

(21/10/96)

■ EU, DESDE CRIANÇA, quis estudar no São Vicente, não tive essa felicidade, no meu tempo opinião de filho não contava muito. Realizei este sonho através de meu filho e tenho a dizer que a escola superou as minhas expectativas.

Estou muito feliz com a minha escolha!

(23/10/96)

## Alunos Concluintes - Turma 1995

Alexandre L. S. Castro	Lidia Quieto Viana
Alexandre Nakonechnyj	Lúcia de O. Fernandes
Alfredo de T. Junqueira	Luciana Oliveira de Barros
Alvaro Moreira	Lucianne R. M. Barbosa
Ana Elisa Garcia	Luis Henrique C. Valdetaro
Ana França Ourique	Luiz Augusto C. Felman
Ana Paula A. F. de Carvalho	Luiz Felipe Feltrim Julio
Ana Roberta T. P. de O. Gonçalves	Luiz Felipe F. de S. Calcado
André Gostkorzewicz	Luiza Mendes Rubim
André Perecmanis	Maira de Oliveira Quadra
Antonio Carlos V. Nobrega	Maira Peixoto Dutra
Antonio Monteiro Stotz	Marcela F. S. Barboza
Augusto Cesar P. Loureiro	Marcelo de F. T. Moletta
Barbara M. Estrada	Marcelo Mendonça L. Jardim
Bernardo Cavalier D. de Barros	Marco Túlio de B. e Castro
Bianca P. Brandão R. Cardoso	Marcos Aguiar Portella
Branca V. Milidiú	Marcus Castro B. Ferreira
Bruno Amar Botelho	Marcus Vinicius V. Vianna / Direito
Bruno B. R. Ribeiro	Maria Carolina de A. Fontes
Bruno Magalhães Lopes	Maria Clara F. de Miranda Direito
Bruno Terra de Moraes	Maria Clara T. Brandi
Bruno R. Maron	Mariana Hue S. Maior
Carlos Dunham M. S. de Castro	Mariana L. Monteiro
Carlos Emanuel de La r. Palis	Marieta Tunes Dantas
Carlos Gdavevici Junqueira	Maurício de Carvalho Boetger
Carlos R. de Paiva Abreu Direito	Maurício Stal de Alcântara
Carolina da Silva Bento	Miguel Soares Palmeira
Carolina de Abreu Lisboa	Murilo Rocha Quartim Pinto
Cecília de B. Barreto	Nina Ulup
Clarissa L. de Castro	Otavio Beiriz Furtado
Cristiana de A. Velasco	Patrícia Teves Barros
Cristiane G. Carvalho	Paula G. dei Marcovaldi
Daniela Dunham M. Lisboa	Paula Maria B. Barbosa
Fabiana L. Diaz	Paulo B. Pinheiro
Fabiano Thomaz Lacombe	Paulo Miguel F. Herais
Fabio de O. Rombauer	Pedro Garcia Massena
Felipe Belford K. de Freitas	Pedro Munerato Diegues
Felipe Canedo de F. Pinheiro	Pedro Yazbek
Flávia Teixeira A. da Silva	Priscila Alvarenga Bastos
Gabriel S. F. da Fonseca	Priscila Q. M. Vasconcellos
Gabriela Aguiar Rojas	Priscilla da S. Nunes
Gabriela M.A. e Salgado	Rafael Ramos H. F. Valverde
Giovana Casaccia Vaz	Renata Correa Hamacher
Gisele Silva Miranda	Renata E. de Carvalho
Grisna Lobato de Azevedo	Renata Silva Lavareda
Guilherme Avzaradel	Renato Silva e Sila Jr.
Guilherme de A. Salek	Ricardo Afonso T. F. Leite
Guilherme de Faria Fernandes	Rodrigo da Silva Carvalho
Guilherme Silva Lavareda	Rodrigo Nunes Ramos
Gustavo Lazzaro Rezende	Rodrigo Penna Firme
Gustavo Magno L. Pereira	Ronaldo Gonçalves Carvalho
Gustavo Penna Pfaltzgraff	Suzana de M. Barreto
Igor T. Ferreira da Silva	Tathyana Genova Duarte
Ines El-Jaick Andrade	Tatiana Meneghine Freire
Ivan de A. Trindade	Tatiana Pinheiro Speciale
Joana Rezende Cunha	Tatiana R. M. de Fejes
João Antônio S. Bonfim	Tatiana Salem Levy
João Emílio P. Gonçalves	Tiago Freire / Arquitetura
João Henrique Rios Cardoso	Valeria Hanna
João Rodrigo de Carvalho	Vanessa Barboza H. M. Pinheiro
Juliana M. P. de Carvalho Leal	Vanessa Consenza A. da Cunha
Juliana M. Rubim	Victória Baptista R. T. Ribeiro
Juliana Sodrê Azevedo	Vinicius Vieira da Silva
Laura Maul de Carvalho Costa	

“Mãe, vem ver! O São Vicente está na televisão!” Larguei o que precisava estudar e fiquei em frente à telinha sem nenhuma expectativa em especial. Mas lá estavam algumas de nossas alunas da 4ª série do 1º grau, conversando com a Regina Casé sobre como é ser mulher: os planos, sonhos, decepções e dificuldades. Elas não demonstravam inibição. Lá estavam livres, soltas, expostas e sobretudo bastante articuladas para a idade. Num determinado momento, a apresentadora pergunta sobre o que uma delas deseja para o futuro. A resposta foi curta e precisa: **“Gostaria de ser feliz!”**

Aparentemente não existe nada de fantástico ou revelador: toda criança e todo jovem quer ser feliz. Parece que a complicação começa porque nós, adultos (pais e educadores), queremos mais algumas “coisinhas”... É comum ouvirmos de pais angustiados: “Eu só peço que ele estude!” E nós, educadores, com insistência falamos de algum aluno: “Fulano não quer nada!”

Nós que já vivemos bastante e sabemos quase tudo, além de pedir para estudar, pedimos aos nossos filhos que sejam honestos, sinceros, generosos, solidários, leais, responsáveis, carinhosos, obedientes etc. ( a lista é infundável!). Nós educadores, portadores do saber e legitimados para transmiti-lo, temos a certeza de poder dizer sobre o desejo de nossos estudantes.

Pode ser que nosso filho cumpra todos os mandatos familiares (aliás não faz mais do que a obrigação), mas, por motivos diversos, talvez não esteja conseguindo estudar. Nosso estudante, quem sabe, pode ser bom de bola e papo, toca um violão genial, se interessa por arqueologia e passarinhos, pode ser que conserte qualquer coisa dentro de casa (mas isso não tem nada demais...), porém, como nada disso cai em provas, “ele não quer nada”. O negócio é colocá-lo em aulas particulares; ele que estude e se divirta menos, mais tarde vai nos agradecer.

# Eles “não querem nada”?

Freqüentemente somos especialistas sobre o que nossos filhos não têm e não valorizamos o que eles têm. Somos mestres em apontar o que nossos estudantes não sabem e incompetentes para perceber a diversidade de coisas que sabem. E como queremos muito, de verdade, que essas crianças e adolescentes se realizem e tenham sucesso, esquecemos de fazer aquela mesma pergunta que nunca nos fizemos: “Como eu posso te ajudar a ser feliz?”

**Patrícia Mendes Rubim**

(Psicóloga do Colégio São Vicente de Paulo)

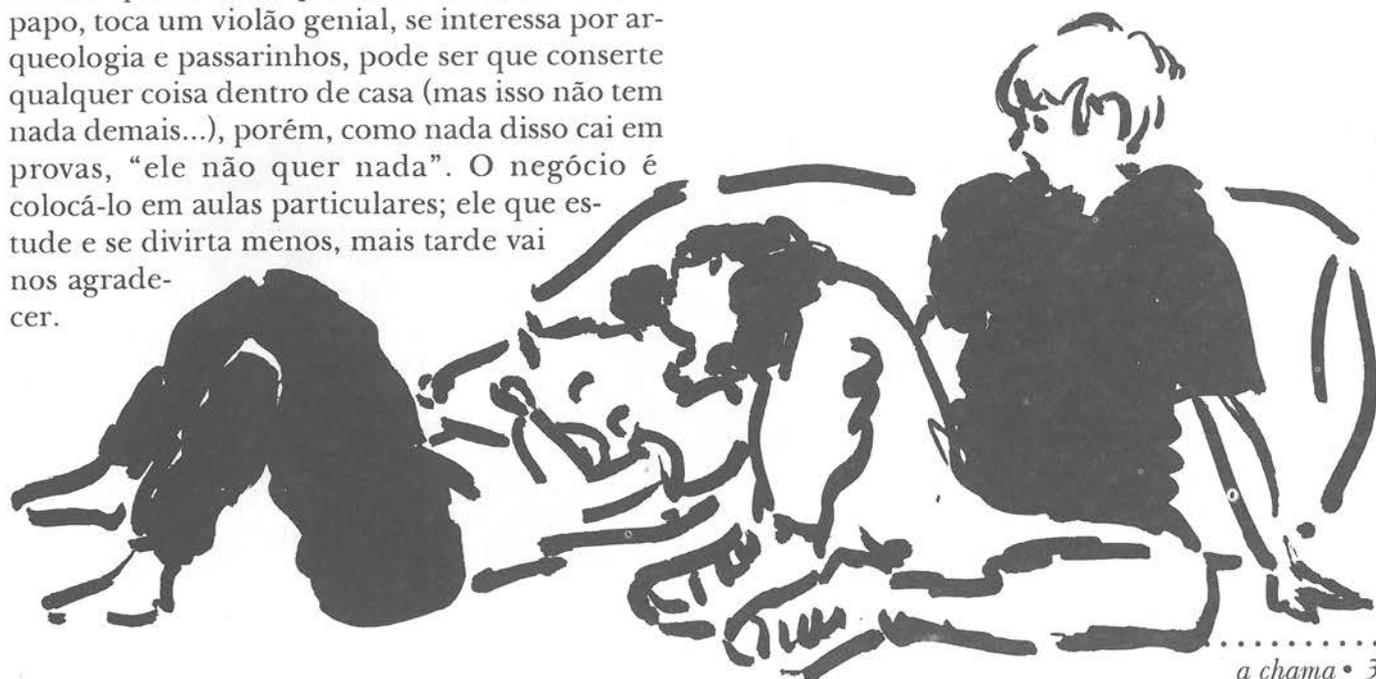


Ilustração: Flor Opazo  
(mãe de aluna da 3ª série/2º grau)

# Você estará lembrado...

Pe. José Pires de Almeida, diretor do CSVP

**23/1** - Começa no Caraça o Tríduo comemorativo do sesquicentenário da P.B.C.M., devendo o Pe. Almeida discorrer sobre os últimos 50 anos, ou seja, a atualidade da Província. Uma das páginas mais significativas desta atualidade é, sem dúvida, a existência e atuação do Colégio São Vicente de Paulo que, a partir dos anos da ditadura militar, se projeta no cenário carioca como baluarte da democracia e libertação tendo adotado os princípios de Medellín como Proposta Educacional.

**12/2** - A Semana Pedagógica, como programada e anunciada, começa hoje. Quatro dias de atividades e aprofundamento doutrinal, para aquecer as turbinas.

**26/2** - Reinício das aulas para as primeiras quatro séries do 1º grau. Situação calma. Boa presença, apesar de alguns funcionários e professores terem sido devolvidos a casa por estarem afetados de conjuntivite. A situação apresenta-se calma e

alegre. À noite começou também o Supletivo.

**27/2** - Reinício geral, casa cheia. Todos os alunos já convidados a entrar pela nova "portaria de alunos", antigo portão dos fundos. A medida visa executar a decisão tomada em outubro passado, quando a consciência da pouca segurança da portaria central - dada a multidão que entra e sai - nos levou à opção da portaria só para alunos. Para isso, o ambiente recebeu retoques durante as últimas semanas de férias...

**29/2** - Boa novidade na comunicação: os inspetores aparecem munidos de *walktalks*, podendo transmitir mais facilmente as ordens da Coordenadora dadas de qualquer lugar do prédio.

**8/3** - Dia Universal da Mulher. A Coordenação Comunitária, devidamente assessorada, assumiu a posição do Congresso de Mulheres de Pequim (95): não comemorar. Passou-se uma folha impressa a ser refletida. Mas a Diretoria dos Grêmios -

só mulheres - ofertou rosas a todas as Evas da Comunidade. As mulheres agradecem ao Grêmio.

**11/3** - Reunião de balanço e revisão da Coordenação do 3º ano do 2º grau com todos os professores. Todos devidamente entristecidos com o desempenho dos nossos ex-alunos nos vestibulares. Providências vão sendo tomadas para se evitar repetição. O melhor é que as turmas deste ano se apresentam com boa disposição e maturidade.

**13/3** - Em fase de instalação, o 2º laboratório de Informática, com a chegada dos novos computadores. Será na sala antes destinada a APM. Esta irá para a sala debaixo do Ginásio de Esportes, juntamente com os jornais e ex-alunos.

**14/3** - Às 20:30, no auditório, os Catequistas do Curso Supletivo promovem a Campanha da Fraternidade, mediante criativa apresentação.

**18/3** - Reunião de pais do 3º ano do 2º grau. Bom número de pais e alunos, também convidados. Reafirma-se a esperança de um 3º ano mais produtivo que o do ano passado. Os pais estão preocupados com a derrapada do vestibular 95/96.

**19/3** - Dia de São José; rogai por nós.

- Reunião dos pais da 1ª série do 2º grau. Parece que, este ano, a 1ª série está de paz com a vida. Muito simpática toda a reunião.

**21/3** - À noite, reunião de pais da 2ª série do 2º grau. Concorrida e participada. Grande parte do tempo gasto em explicar as razões da descisi-



*Páscoa dos professores e funcionários, no dia 10/4: reflexões, prece comunitária e abraço de paz.*

da do São Vicente no *ranking* da UFRJ/UERJ. Afinal, o São Vicente continua entre os primeiros 10%!

**22/3** - Reunião dos Inspectores. Ainda em pauta os probleminhas resultantes das mudanças, sobretudo em relação à portaria. De modo geral, afirmam os inspetores, o clima está bom entre os alunos; destaque para o 1º ano do 2º grau.

**26/3** - Continuam as reuniões de pais, que têm tido bom comparecimento; algumas séries (a partir da 5ª), com a presença dos alunos representantes; em geral, também bastante movimentadas. No 2º grau, os pais muito preocupados com o Vestibular. Pra variar!

**27/3** - À noite, reunião da APM, fixada agora nas últimas quartas-feiras do mês. Entre outras coisas, surgiu novamente a questão da possibilidade dos escaninhos para as mochilas ou parte de conteúdo das mesmas.

**29/3** - Celebra-se antecipadamente o aniversário da Casa, que ocorrerá amanhã. Reinoura-se a Capela do subsolo na missa das 11h45min com numerosa e variada participação.

- À noite, também numerosa participação na celebração Eucarística da Casa Central, na palestra de Maria Clara Corrêa - *Educar, Contrato de Risco* -



O "Sabadão" (25/5) deixou arte nos muros e boas recordações.

e sobretudo no coquetel e bolo de aniversário.

**30/3** - 37 anos do Colégio São Vicente de Paulo. O funcionário José Antônio Silva, servente das salas de arte, já conhecido por suas esculturas, pintou em aquarela um quadro de São Vicente e o ofereceu ao Colégio pelo 37º aniversário.

- Os ex-alunos de 95 fazem a tradicional visita ao Colégio, em torno de delicioso churrasco. Cerca de 2/3 compareceram. Alegria do reencontro.

**3/4** - Às 21h30min, sai a excursão ao Caraça, com 49 pessoas a bordo. A Comandante é sempre a Profª Graça. Vários participantes indo pela primeira vez.

**17/4** -

Instalados nas salas de coordenação os três micros doados pelo APM, com suas respectivas impressoras.

**21/4** - Antes do almoço, na Casa Central, o Pe. Almeida

toma posse como novo Superior da Comunidade que abrange os padres das duas casas (central e colégio).

**23/4** - O Supletivo comemora seus 23 anos com missa na Capela da Casa Central, pequena para a multidão. O celebrante foi o Pe. Maurício.

**24/4** - Nascimento de São Vicente (1581).

- Anuncia-se uma passeata de jovens (caras-pintadas) pró-educação e causas análogas.

- Repercute em todo o mundo civilizado o massacre dos "sem-terra" no sul do Pará, aguçando a crise política em que se debate o governo.

**25/4** - Na reunião do Conselho Pedagógico, ao se fazer levantamento de pontos a serem levados à reunião dos coordenadores verticais, dia 9/5, houve interessante aprofundamento em torno do *projeto participado* e da formação contínua do professorado - ou treinamento.

- O programa *Face a Face* é levado ao Supletivo, com muita aceitação.

- Outra passeata da juventude; desta vez, pró-Reforma Agrária.

**30/4** - À noite, reunião da



Animação dos pequeninos e dos professores na festa junina de 28/6.

APM, transferida do dia 24 devido à paralisação do professorado. Dialogou-se sobre o sentido do apoio dos professores à decisão da Assembléia Geral Sindical da classe.

**2/5** - Conselhos de Classe da primeira e terceira séries do 2º grau. Ambos, bem proveitosos e trazendo questões para futura discussão sobretudo na questão da avaliação, que está sempre em pauta.

**3/5** - Conselho de Classe da segunda série do 2º grau. Aparentemente, o negativo tem sido menor que no passado e o positivo vai surgindo e aparecendo através das palavras dos representantes da turma.

**6/5** - Sérgio Maia, entusiasmado com o movimento de fim-de-semana. O Convívio - I Congresso de Estudos Católicos, com mais de 600 participantes no Colégio Santa Marcelina.

**9/5** - Conselho Pedagógico das coordenações verticais. Excelentes reflexões sobre a avaliação, continuadas na reunião dos coordenadores pedagógicos no início da tarde.

**13/5** - À noite, viaja o Pe. Almeida rumo ao Caraça, onde participará da Assembléia Provincial e também do Conselho Provincial, devendo regres-

sar domingo pela manhã.

**25/5** - Sabadão decorrido bastante tranqüilo, deixando belas lembranças dos artistas nos muros e bastante sujeira no chão. Esta, entretanto, desaparecerá dentro de dias sob nova camada de tinta.

**1º/6** - Como em outros fins de semana, alguns ônibus de excursionistas zarpam da portaria: Ilha Grande, Búzios... avante mergulhadores!

**5/6** - Alunos do Curso de Filosofia, acompanhados pelo prof. Jorge Miranda e pelo Pe. Maurício, passam a manhã no Parque Lage, refletindo peripateticamente sobre a tarefa da Filosofia nos dias atuais. Mais um esforço de criatividade e de suscitar interesse pela matéria e pela reflexão em geral.

**7/6** - Chega ao Rio o Pe. Horta, fundador do Colégio, 88 anos, atualmente a serviço da Paróquia Nossa Senhora das Graças de Brasília. Recebido no Aeroporto pelo Pe. Almeida.

**13/6** - Pe. Horta comparece ao Conselho Pedagógico e



*Alunos do São Vicente agitaram as cidades históricas de Minas Gerais, nas excursões realizadas em agosto.*

dirige aos educadores a palavra, relembrando as dificuldades da fundação e dos primeiros dias de funcionamento.

**14/6** - A reunião de inspetores foi animada pelo surgimento de várias questões. Uma delas vem sendo já discutida entre as coordenações: o excesso de atividades, nem todas devidamente controladas. Tem havido, inclusive, dificuldade em se conseguir espaço para tantas, apesar da programação e da coordenação comunitária.

**15/6** - Festa Junina. Bem-sucedida, calma, organizada, tudo previsto. Talvez, excesso de seguranças. Contentes os promotores.

**20/6** - A Direção envia circular aos pais prevenindo sobre a Paralisação de 21, já que o Sindicato dos Professores aderiu.

**21/6** - Um "artista" aproveitou-se do pouco movimento de ontem para fazer enorme pichação na fachada do prédio do Colégio, à altura do 3º andar: obra de profissional, sobretudo quando se considera que a propriedade tem vigias 24 horas.

**26/6** - Convidado pela pro-



*Contribuições da 4ª série para a creche Cristo Redentor, em outubro.*

fessora Maria Margarida, de História, 5ª série, o Pe. Almeida, com várias outras pessoas, foi a uma das turmas para ver o vídeo resultante da pesquisa do ano passado, sobre deficientes físicos. Os autores, hoje alunos da 6ª série, fizeram a apresentação, precedida pela introdução da própria professora.

- À tarde, a 6ª série encenou a peça "Tribobó City", de Maria Clara Machado.

27-6 - Festa Junina da 3ª e 4ª séries.

28/6 - Mais festas juninas: a dos pequeninos, aquela graça de sempre, muito bem organizada pela coordenação e muitíssimo freqüentada pelos familiares. A do Supletivo, também muito animada. O angu e o quentão valeram a festa, além das quadrilhas e da dança da garrafa.

1º/7 - Falece no Hospital o aluno Marcos Medeiros (2º D), internado há vários dias. Com o agravamento de seu mal, não resistiu à violência da crise. Tinha 17 anos e quase 9 meses e deixa muito abalados os colegas e amigos e os muitos admiradores. Era modelo de persistência e de aplicação, apesar da fragilidade da estrutura.

4/7 - Como previsto realizou-se o Conselho Pedagógico ampliado com a participação dos coordenadores verticais. Foi apresentada oficialmente ao Conselho a nova versão, artisticamente elaborada, da Proposta Pedagógica do Colégio.

8/7 - O Coral do Colégio SVP, que vem mostrando notáveis performances, dentro e fora dos muros, acaba de ser convidado a se unir a outros corais, em execução de trechos líricos a serem programados para o Teatro Municipal, comemorando o centenário da

Alunos do São Vicente (grupo de chorinho), na recepção à Escola Japonesa, dia 17/10.



Orquestra Sinfônica do Corpo de Bombeiros.

30/7 - O anexo Pe. Horta se acha ornado por uma enorme faixa - propaganda da BBSVP, obra de alguns alunos no último fim-de-demana.

1º/8 - Realizou-se a primei-

ra reunião do Conselho Pedagógico, constando, em grande parte, de informações; houve boa pausa para reflexão ao se tratar do ICH.

5/8 - Conselho de Classe da 3ª série do 2º grau. Ainda que bem superior à do ano anteri-

Marcos,

*É muito difícil aceitar as coisas para as quais não estamos preparados.*

*A cada surpresa desse tipo, a gente vai ficando mais velho e começando a ter certeza de que não sabemos TUDO.*

*Marquinhos, eu sei o quanto você fez por todos nós e principalmente o quanto você acreditou na pureza e sinceridade dos ideais que norteiam a BBSVP, o Colégio e as pessoas que se permitem um tempo para escutar, entender e ajudar os outros.*

*No pouco tempo em que estivemos mais próximos, pude perceber o quanto você é uma pessoa especial. Sei da falta que seus colegas vão sentir de você mas também tenho a certeza de que eles saberão tirar os ensinamentos da sua forma corajosa de enfrentar a vida e os problemas que surgem dela.*

*Saiba, onde você esteja, que parte de você ficou conosco e vai nos ensinar a gostar mais uns dos outros e de nós mesmos. Seu exemplo de AMIZADE, COMPANHEIRISMO e SOLIDARIEDADE vai ficar conosco e nos acompanhar até o nosso reencontro.*

**VOCÊ É UM EXEMPLO PRA GENTE CONTINUAR.**

*Do seu amigo,*

Joka

*(Escrevi essas palavras logo depois de saber que o Marquinhos nos deixou, e resolvi compartilhá-las com todos os que o conheciam e o amavam.)*

or, a situação dos "pré-vestibulandos" oferece lacunas cujo aspecto pedagógico se deve, em grande parte, a falhas de comportamento. O conselho foi bastante tranqüilo, uma vez que a Coordenação já se havia reunido com os professores antes do recesso de julho, para acertar pontos-de-vista, assim como para análise do 1º semestre.

8/8 - No Conselho Pedagógico foram lembrados alguns eventos dignos de nota: com os recursos captados pelo Comitê Graúna, por ocasião da Festa Junina, e parcialmente doados aos desabrigados de Jacarepaguá, foi antecipada a construção de uma Creche para 45 crianças, já em funcionamento. Ainda ligado ao Graúna, o projeto de se ensinar inglês aos guias-mirins de turismo, da área de São Judas Tadeu. Os professores serão alunos do 2º grau que, pelo domínio da lín-

gua, já possam ser dispensados das aulas, passando a lecionar.

- Posse da nova Diretoria do Mini-Grêmio. Pe. Almeida recebe os diretores do Greco e lhes passa a nova formulação da Proposta Educacional do Colégio.

16/8 - Na reunião dos inspetores continua-se a leitura explicada da Proposta Educacional.

18/8 - À noite, barulhenta acolhida dos participantes da excursão às Cidades Históricas com os professores Paulo Nascimento e Maria Margarida.

28/8 - A Rede Globo filma e entrevista algumas meninas. Na equipe global, Regina Casé. Calcula-se o alvoroço da garotada durante boa parte do dia!

- A APM veio animadíssima para a reunião: novos aparelhos de ar condicionado para toda a casa; novas carteiras para as salas de aula, mais anatômicas, menos cansativas; labo-

ratório de línguas; reorganização total da Biblioteca de modo que venha a ser um centro dinâmico de cultura; reativação da CHAMA e outros jornais; excursão ao Caraça juntamente com os premiados na feira de ciências.

29/8 - O Coral Equale exibe-se no auditório, sempre em grande forma.

5/9 - Em vez do Conselho Pedagógico, reúnem-se apenas alguns membros durante toda a manhã, com o objetivo de aprofundar o tema da animação pedagógica da comunidade escolar. Examinou-se a lista enorme das atividades existentes na casa e normalmente postas em prática.

9/9 - Semana da Cultura, homenageando Pixinguinha (cem anos de nascimento).

- O grupo Afro Reggae exibe-se com garbo durante o recreio. O ruído dos tambores (instrumentos de percussão)



*Dom Augusto Zini foi o Bispo Oficiante do Sacramento de Crisma com alunos do Supletivo, no dia 24/10.*

incomoda alguns vizinhos que reclamam por telefone.

**10/9** - Início das Olimpíadas. Sessão solene no auditório com a palavra do diretor, declarando abertos os jogos.

**11/9** - Grupos de futuros pais visitam o Colégio para tomada de contato e conhecimento da casa, o que causa certo congestionamento, sobretudo em dias de chuva.

**13/9** - Hasteamento da bandeira, em participação ao luto oficial do país pela morte do ex-presidente Ernesto Geisel. O Diretor recebeu um grupo de alunos do 2º grau que, como protesto contra a ditadura militar, desejam que a bandeira seja hasteada normalmente, não em forma de luto.

**18/9** - Hoje e nos dois dias seguintes, a partir das 12:30h, confissões dos alunos de 5ª série que se preparam para a primeira Eucaristia.

**19/9** - Manhã de reflexão, dando seqüência à do dia 5, com os mesmo participantes. Tratou-se da revisão geral de todas as etapas e práticas que entram no conceito de "animação" da vida do Colégio. Foram levantadas mais de 90, em lista não-exaustiva. Haja fôlego.

**24/9** - Participando do incremento à cultura, o curso Supletivo iniciará experimentalmente um curso de teatro com Almir Teles, com o objetivo de descobrir e encaminhar novos talentos, assim como proporcionar oportunidades de desinibição e expressão corporal. Parabéns à iniciativa!

**26/9** - O Conselho Pedagógico tomou conhecimento oficial da circular da APM pedindo sugestões para o grande projeto de transformação da Biblioteca em Centro de Cultura e Comunicação, tornando-se urgente a decisão da Direção sobre a ane-

*Cenários do Sítio do Picapau Amarelo e personagens interpretados por alunos do Colégio Santo Amaro trouxeram mais alegria e beleza à Feira do Livro, em outubro.*



xação da sala 32 à área do novo projeto.

**27/9** - Festa do Patrono, conforme programação já distribuída. A grande expectativa é a apresentação de cânticos litúrgicos pelo Coral São Vicente, durante a celebração eucarística. O coral cantou e foi muito elogiado. Parabéns à maestrina Patrícia por sua competência, simpatia e perseverança. O coquetel também esteve à altura. Bela festa! - exclama-se.

**30/9** - Dia da Secretária. É oferecida uma rosa a cada funcionária não-professora. E os funcionários homens? As discriminações parecem inevitáveis.

**1º/10** - Bem cedo, vão chegando os pais para a inscrição dos futuros alunos da 1ª série do 1º grau. Sem a correria de anos anteriores a 95.

**3/10** - Eleições. Pela primeira vez, junto com a Bandeira Nacional, é hasteado o pavilhão do Estado do Rio de Janeiro. No passado, usava-se hastear a Bandeira do Papa, ao lado da Nacional. Tudo decorreu em ordem nas seções eleitorais do 1º andar, à exceção de uma das urnas eletrônicas que se recusou ao trabalho.

**4/10** - Várias turmas tiveram Conselho de Classe, donde a frequência reduzida no 1º grau. Outros também, feriram por conta própria.

- A rádio interna continua a fazer furor no recreio do Supletivo, um pouquinho altíssimo o som!

**8/10** - Enquanto se realizava um Conselho de Classe do 2º grau, as turmas do 1º grau (3ª e 4ª séries) recebiam pais e mães visitantes em suas salas. Na turma 31, após as explica-

ções dos vários porta-vozes, mostrando o material produzido durante o ano em cada setor de aprendizagem, o aluno André César Bruno Lobo saiu a campo espontaneamente para dar testemunho do que a turma vem aprendendo nas aulas de religião: “os valores da solidariedade, da justiça, da caridade... de que o Patrono do Colégio foi o grande Mestre” – concluiu o orador. As mães aplaudiram emocionadas! Mente de criança é terreno fértil: sabendo-se plantar, se colherá.

**10/10** – Durante todo o dia, palestras de Cahu Lopes, sobre tóxico-dependência, em quatro horários distintos. Bom efeito sobre os ouvintes. Simultaneamente, lançamento do livro *Cara a Cara com as Drogas*.

**11/10** – No 1º grau, um dia festivo em comemoração ao Dia da Criança. As salas de aula tornaram-se pequeninos paraísos. Cada aluno escolhia a sala “oficina” de sua preferência. Bem original.

**16/10** – Homenagens aos mestres pelo seu dia, ontem ocorrido. Na parte da manhã, os alunos Carlos Frederico Marçal Rodrigues e Márcio Pizzi de Oliveira (do 3ºA) brindaram os mestres, nos dois recreios, com a música *Guerreiro Menino*, de Gonzaguinha, executada magnificamente ao violão e por eles cantada com a participação de todos. À tarde, além da dupla, a turma 21 (2ª série do 1º grau) deu belo recital sob a batuta do Professor Lauro Basile. Simultaneamente, as turmas de 6ª e 7ª séries assistiram no auditório à peça de Almir Teles, *Brasil, Nunca Mais, de Getúlio aos Generais*. Continua a valer, Almir!

**17/10** – Grande movimento no 4º andar durante o dia todo: turmas em visita à Feira



*Reflexão dos alunos sobre o Colégio: em busca da coerência entre filosofia e prática.*

do Livro (aproveitando para apreciar a decoração comemorativa sobre Monteiro Lobato). Escolas em visita: Escola Japonesa, Miraflores, alunos do Santo Amaro fantasiados de personagens de Monteiro Lobato, etc. Como se não bastasse, o auditório também vem funcionando intensamente.

– O Coral, em plena fase de crescimento, continua assíduo aos ensaios, em vista das apresentações de final de ano.

**23/10** – Mãe de aluno da 8ª série reclama junto à Direção contra o nível das provas este ano, julgado acima do nível da sala de aula. Afinal, ouve-se afirmar que o estudo da 8ª série (oxalá do 1º grau todo) está “puxado” e, não como se ouvia antes, um passeio!

**28/10** – Dia de São Judas Tadeu. Grande afluxo de devotos, durante todo o dia, na rua Cosme Velho. Os atrasos são consequência natural.

– À noite, cerimônia da Renovação dos Compromissos Batismais da turma 51. Nos próximos dias, cada turma terá sua vez. Destaca-se a beleza do *Gesto Concreto*, sob a forma de brinquedos novos, destinados este ano à São

Martinho, instituição de ajuda aos meninos de rua.

**30/10** – Primeira apresentação da peça teatral do grupo Calabouço, comemorativa dos 20 anos do grupo. A peça é *O Alienista*, de Machado de Assis, adaptada e musicada. Excelente.

**1º/11** – Na Casa Central, posse do novo Visitador Provincial, Pe. Eli Chaves dos Santos, com seu Conselho.

**5/11** – Intensifica-se, entre os alunos do 2º grau, o movimento de “avaliação do Colégio São Vicente de Paulo”, buscando principalmente analisar a coerência da prática de cada dia com a Proposta Pedagógica. Os que participaram de alguns encontros de alunos vêem nisso o esforço sério de reflexão. Coisa muito louvável, é claro. O pressuposto da reflexão é o fato, notado pelos próprios alunos, de que o Colégio vem “mudando” nos últimos anos. Terá mudado a filosofia da casa? De formador de cidadãos, terá mudado para preparador de vestibulandos? Reuniões gerais (Assembléias) já estão programadas.

# BOAS-NOVAS NO SUPLETIVO

O Curso noturno do Supletivo ganha, em 1996, uma novidade: a Formação Religiosa estendida a todas as séries e uma equipe de professores encarregada deste setor.

**O** que antes acontecia apenas com pequenos grupos constituídos em vista da catequese preparatória para a 1ª Eucaristia e a Crisma, agora, de forma redimensionada, procura envolver toda a escola num processo contínuo de reflexão da Fé e celebração da Vida.

Os alunos do Supletivo constituem uma realidade diversificada de vida e de culturas. Oriundos, na sua maioria, dos estados do Nordeste e de cidades do interior da região Sudeste, estão ligados aos setores de serviços básicos como: serviços domésticos, zeladoria e serviços gerais de condomínios, construção civil e comércio. É a partir desta realidade que nossa equipe – formada pelos professores Albino, Helcy e José Eduardo – tem procurado organizar o programa de atividades.

Destacamos as seguintes atividades em 1996:

- Aulas semanais de Formação Religiosa, por série, onde se exploram temas relacionados à conjuntura sócio-política e econômica da atualidade, relacionados com a vivência das turmas. Busca-se resgatar, a partir da fé, os valores da pessoa humana e o compromisso com a justiça, a solidariedade, a participação ativa como sujeitos da história, o reconhe-

cimento dos direitos de cidadania e possíveis respostas aos muitos desafios do mundo de hoje.

- Manutenção dos encontros semanais, em horário extra-classe, com grupos de voluntários para a catequese preparatória aos Sacramentos.
- Momentos celebrativos ou de reflexão temática envolvendo toda a Comunidade do Supletivo, como: abertura da Campanha da Fraternidade, celebrações da Páscoa e de encerramento do semestre; programação especial “Vamos ao Teatro”, com a peça *Francisco de Assis*, dia de retiro e convivência com grupos de catequese, celebrações do Dia do Mestre.

Na oportunidade, queremos registrar os sinceros agradecimentos aos nossos colegas, professores e coordenadores do Curso e, em especial, ao Pe. Maurício e toda a Direção do Colégio, pelo grande apoio que nos têm dado.

Aos nossos alunos, nossa profunda admiração pelo interesse e empenho que demonstram nesse investimento de suas vidas. Mostram, pela *gana de viver* e pela *sede de saber*, o quanto dignifica e torna gratificante o trabalho de todos os que a eles se dedicam.

*A Equipe*

# Cara a Cara com as drogas

Dentro da programação de palestras e debates do projeto **Face a Face**, o auditório do CSVP recebeu o escritor Cahlo Lopes, autor dos livros *Ala Fechada* e *Cara a Cara com as Drogas*, que falou em vários horários, para alunos, pais e professores, no dia 10 de outubro.

**C**ahlo Lopes conta que começou a realizar palestras sobre drogas a partir de novembro de 1994.

“A princípio, pensamos em realizá-las apenas na Grande Porto Alegre, mas logo começaram a surgir oportunidades para outros pontos do estado. Em seguida, alcançamos uma repercussão maior ao realizar 17 palestras para 9 mil jovens no oeste do Paraná. No mês de agosto de 1995 já contabilizamos palestras para aproximadamente 60 mil pessoas, entre estudantes, operários, profissionais liberais, pais e educadores.”

Através deste verdadeiro corpo-a-corpo, Cahlo observou uma enorme e assustadora carência de informações entre as crianças e os jovens.

“Assuntos polêmicos como drogas, sexo, AIDS e homossexualismo são varridos para baixo do tapete, em relacionamentos familiares que, infelizmente, muitas vezes beiram a hipocrisia. Pais e mães, inseridos em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, transferem para as escolas e professores a responsabilidade de educar seus filhos. Apesar do esforço de muitos educadores, sabemos que estes temas, verdadeiros tabus na nossa sociedade, estão sempre cercados por mitos e lendas, dificultando a transmissão de informações verdadeiramente confiáveis.”

Considera ele que alguns outros mitos estejam sendo derrubados nessa jornada. Um deles diz respeito à eficácia da preven-

ção junto aos pré-adolescentes. Muitos profissionais achavam que ela deveria começar bem mais tarde, alegando que a discussão sobre o assunto poderia causar curiosidade nas crianças, levando-as à experimentação.

“Nosso contraponto era de que o assunto era tão próximo quanto o controle remoto de uma televisão, de onde fragmentos de informação sobre drogas

## Um guia prático para enfrentar a dependência

Cahlo Lopes foi dependente de drogas dos 13 aos 27 anos. Sofreu duas *overdoses* e passou por muitas clínicas de recuperação. Metade da sua vida foi gasta com álcool, cocaína, heroína e LSD.

Mas Cahlo sobreviveu. Recuperou-se. Em 1994 publicou o romance *Ala Fechada*, já na 3ª edição e com mais de 30 mil exemplares vendidos. O livro, baseado na sua própria experiência, relata a barbárie da “indústria das clínicas que exploram a doença da dependência”. No ano seguinte, Cahlo criou o *Projeto Cara Limpa*, organização não-governamental dedicada à prevenção contra o uso de drogas e à recuperação de dependentes. Com o livro e a ONG ele realizou mais de 400 palestras em escolas.

*Cara a cara com as drogas* nasceu desses encontros nas escolas. “Um dos grandes problemas para os adolescentes é a falta de informação sobre o assunto”, explica o autor.

As 196 páginas e do livro *Cara a cara com as drogas* são dedicadas a informar o que elas são, como atuam, que estragos provocam, como se prevenir contra elas e, principalmente, como identificar e ajudar um dependente. O tema é tratado sem rodeios. Cahlo usa uma linguagem clara e simples.

**caraacara  
com as drogas**

guia prático para entender e enfrentar  
a complexidade da dependência

**cahlo lopes**  
PREFEITO RUY CASTRO



são despejados a todo momento em cima dos espectadores de todas as faixas de idade.”

“Nossas crianças têm fome de franqueza neste mundo de tantas verdades paralelas”, diz Cahlo Lopes. “É nosso dever ter a coragem de encarar seus questionamentos de peito aberto.”

Comenta sobre as drogas mais utilizadas no Brasil como a maconha, a cocaína, *crack*, álcool, fumo, tranquilizantes e moderadores de apetite.

Conceitos como dependência física e psíquica, síndrome de abstinência e *overdose* são explicados através de pequenas histórias relatadas pelo autor. Há capítulos sobre a prevenção às drogas nos lares, nas escolas e nas empresas.

O livro traz ilustrações de Cid D'Ávila. Os direitos autorais da primeira edição de *Cara a cara com as drogas* serão doados ao Retiro Comunitário de Reabilitação Ocupacional (Recreo), uma instituição especializada em tratamento de dependentes químicos.

Cahlo Lopes é gaúcho e tem 33 anos. É analista de sistemas e empresário no ramo de prestação de serviços na área jurídica. É casado e pai de duas filhas (8 e 12 anos). Reside com a família em Porto Alegre.

### **Cara a cara com as drogas**

– guia prático para entender e enfrentar  
a complexidade da dependência

Autor: Cahlo Lopes.

196 páginas – R\$ 17,00 – Editora Sulina  
Inf. com Bety Serpa, tel.: (021) 226-8786

# Face a Face: em busca de soluções

Apesar da boa relação mantida com meus filhos, de termos projetos e planos comuns de vida, de conversarmos muito e negociarmos sempre, enfim, da participação efetiva em seus cotidianos, resta freqüentemente a sensação maior de temor e a angústia diante de fatos incontroláveis.

Como será o seu comportamento na escola, o convívio social? Como um adolescente tão tímido e inseguro se posiciona diante dos rígidos limites do *não pagar mico*? Prevalecerá a formação recebida em casa? Terá condições de distinguir situações e conseguir se proteger? Como terá capacidade de evitar violência ou prever os riscos? Estará suficientemente informado?

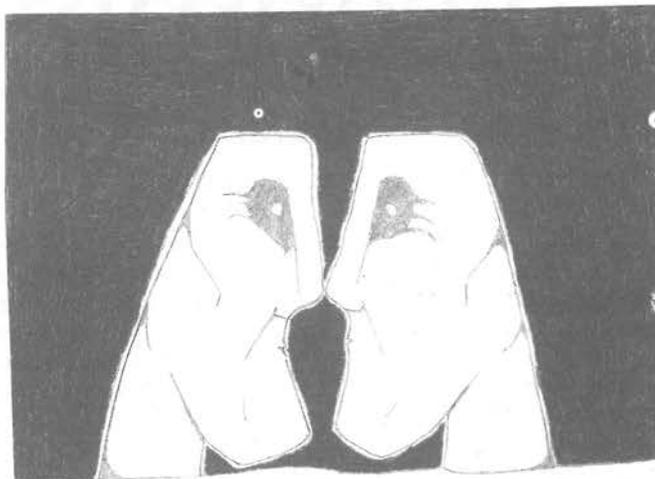
Daí, o atendimento às chamadas do Face-a-Face, que se propôs a tratar de assuntos tão delicados e incômodos do dia-a-dia da criação de filhos: drogas, aids, etc.

As reuniões foram muito proveitosas, apesar do cansaço após o dia de trabalho.

Além da agradável surpresa de descobrir educadores que, não-satisfeitos com suas informações, vêm procurando novos conhecimentos através de cursos como o oferecido pelo NEPAD (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas), da UERJ, pude observar no convívio com os demais pais que os meus medos são comuns a uma comunidade maior, que expressa com muita familiaridade estes sentimentos e, perplexa, procura definições.

Pelos profissionais ouvidos, pelos debates e demais situações criadas nos encontros, ficou claro o seguinte:

- A prevenção é a melhor opção.
- Não existe uma receita pronta para tratar da



matéria. Cada caso é um caso. O bom senso deve prevalecer.

- A boa-vontade dos pais não é suficiente, o papel da escola é difícil e a ajuda de profissionais geralmente se faz necessária, quanto mais cedo melhor.
- O vínculo afetivo entre pais e filhos, o bem estar com a vida, o exercício de atividades prazerosas, o carinho e a solidariedade da família são fatores relevantes para se evitarem situações de dano maior.
- A divisão entre a utilização da droga lícita ou

ilícita socialmente e a correspondente dependência é tênue.

- A constatação, através de pesquisa realizada entre alunos do próprio colégio, sobre o alto nível de informação referente à prevenção sexual e a respectiva interrogação sobre a utilização de tais conhecimentos na prática.
- A necessidade de alerta sobre a nefasta influência dos meios de comunicação.
- Por último, o contundente depoimento do jovem escritor Caho Lopes sobre a convivência com as drogas e a possibilidade quase inexistente de sobrevivência. De uma turma de 38 viciados, somente 4 permanecem vivos! Meus filhos ficaram bastante emocionados com o relato de suas experiências e sofrimentos.

As conclusões não são otimistas, muito pelo contrário, fazem pensar. Mas o canal está aberto para a informação e o debate, ainda mais quando se percebe que as preocupações são comuns a um grupo maior de pessoas que, por isso mesmo, podem ter mais elementos na busca de soluções.

Riva Velmovitsky  
Carlos Eduardo - T. 83  
Guilherme Augusto - T. 44

---

Estamos suficientemente informados  
sobre o problema das drogas?

---

# Menino de rua precisa de atenção e não discriminação

A pesquisa dos alunos da 5ª série traz à tona reflexões e críticas sobre a realidade dos menores que vivem nas ruas.

O Núcleo de Pesquisa do Colégio São Vicente de Paulo - *Um Caminho para a Descoberta* - vem dando prosseguimento aos projetos sugeridos pelos próprios alunos.

Este ano, o grupo de jovens pesquisadores da 5ª série optou por trabalhar com o tema *Meninos de Rua da Cidade do Rio de Janeiro*, focalizando crianças e jovens na faixa etária dos cinco e dezessete anos.

A pesquisa de campo foi precedida por uma série de leituras sobre a realidade dos meninos de rua, além de análises de filmes e gravuras.

O estudo de caso foi definido quando o grupo visitou a Casa São Martinho. A instituição, situada ao lado dos Arcos da Lapa, recebe diariamente meninos que, à noite, retornam às ruas.

A fase inicial do contato foi uma mistura de grande curiosidade e certo receio, que se diluiu em poucos instantes, transformando-se em um encontro interessante para os meninos de ambas as instituições.

O encontro tornou-se viável porque a Casa São Martinho tem educadores preparados para oferecer a seus clientes diários um ambiente normalizado, com orientação e proteção. Apesar de não ser integral este atendimento, lá os meninos recebem atenção e adquirem condições de higiene, saúde, ocupação e lazer.

Os alunos-pesquisadores do CSVP surpreenderam-se brincando, lanchando e trocando experiências com aqueles que, no dia-a-dia, ocupam a cidade desordenadamente e se tornam tão ameaçadores.

Na semana seguinte ao primeiro encontro, os meninos da Casa São Martinho vieram até o CSVP e trocaram perguntas com um grupo maior de alunos, acerca de cotidianos antagônicos, permitindo sobretudo aos nossos alunos uma análise mais crítica da realidade desfavorável da vida dos menores que vivem nas ruas.

Quanto ao nosso trabalho de pesquisa, embora em fase de conclusão, poderíamos adiantar algumas questões que nos parecem evidentes. Destacariamos:

- o trabalho pedagógico não pode limitar-se aos conteúdos de sala de aula;
- faz-se necessário incentivarmos os alunos a conhecerem a realidade;
- mesmo que negligenciada pelas autoridades governamentais, a educação foi e ainda é um caminho eficaz para a formação cultural, moral e social da criança e do adolescente. Com ela e através dela, prepara-se uma juventude para viver a prática da cidadania. Sem ela, entretanto, o despreparo e a falta de valores geram violência e injustiças.

Observamos que muitos meninos, por questões existenciais, não se envolveram com suas famílias nem com as escolas que lhes foram apresentadas, restando-lhes o passatempo nas ruas, o abandono e a agressividade, que evoluem para um cotidiano de crescente segregação social.

A Casa São Martinho valorizou a iniciativa dos alunos do Núcleo de Pesquisa e a comunidade Sanvicentina sensibilizou-se com a questão levantada. Desta forma, alguns professores, coordenadores e alunos mostraram interesse em desenvolver alguns projetos em parceria com a Casa São Martinho, como a construção de um jogo educativo montado por alunos de ambas as instituições, uma partida de futebol de salão e a montagem de um Auto de Natal com ceia, troca de presentes e mensagens.

Programas curriculares precisam ser enriquecidos com novas abordagens, onde exista espaço para mediar a teoria com a realidade, auxiliando os alunos à observação, reflexão e possível transformação social futura.

**Maria Margarida Cardoso**  
Coordenadora do Núcleo de Pesquisas do CSVP

**Nota:** A Casa São Martinho vive de doações e colaboradores. Quem quiser contribuir de alguma forma, ligue para o Educador Denilson (221-1453).



Ilustração: Flor Opazo

# Profissionalização e Cultura

O trabalho junto às comunidades carentes já está apresentando resultados positivos, dando frutos e abrindo oportunidades através de uma formação profissional de qualidade.

O Núcleo de Profissionalização e Cultura, em funcionamento no São Vicente de Paulo desde 1993, vem atendendo aos alunos do Supletivo do Colégio, além dos jovens das comunidades do Cerro-Corá e Guararapes, no Cosme Velho.

A proposta do Núcleo é possibilitar o aprendizado técnico de um ofício e, também, oferecer uma formação preocupada em estimular o potencial criativo e sensível de cada indivíduo.

Numa primeira etapa, foram montadas oficinas de Corte/Costura e Modelagem Industrial, e de Artes Plásticas, com enfoque na criação de roupas e pintura em tecido.

## CONTRIBUIÇÕES

Além da infra-estrutura das salas, fornecidas pela direção do Colégio e pelas Senhoras da Caridade, o Núcleo recebeu da AEC (Associação de Ação Católica do Brasil) quatro máquinas de costura. A APM (Associação de Pais e Mestres), em conjunto com o Grêmio da escola, também auxiliou na compra do material. Ficou a cargo da direção o pagamento dos dois professores e de uma coordenação.

Ja no ano de 1994, devido à crescente procura, foram criadas novas vagas. O Núcleo ampliou suas atividades, abrindo uma turma de Corte/Costura/Modelagem e outra de Artes Plásticas, além da inauguração da Oficina de Marcenaria.

Mais uma vez, a AEC do Brasil contribuiu com a doação de três máquinas de costura (totalizando sete) e as ferramentas necessárias para a montagem da Marcenaria. Graças a doações e contando com a ajuda da APM, do Grêmio e do Comitê Graúna (criado no colégio durante a Campanha da Cidadania Contra a Fome e a Miséria) foi possível pagar os professores e manter o material de trabalho. Os próprios alunos contribuíram com uma taxa simbólica.

O curso de Marcenaria não teve quórum no 2º semestre de 96 e voltará em março de 97.

O curso de Marcenaria não teve quórum no 2º semestre de 96 e voltará em março de 97.

## AÇÃO E REFLEXÃO

Tão importante quanto as atividades técnicas é a valorização do aspecto reflexivo com relação às questões econômicas, políticas e culturais, envolvidas no processo das relações profissionais, bem como dentro do âmbito cotidiano das comunidades em questão.

Portanto, é de extremo interesse, dentro dos objetivos do Núcleo, que seja possível em 1997 incluir uma série de debates e palestras que abordem temas específicos ligados ao trabalho (montagem de cooperativas, direitos e leis trabalhistas etc.), além de outros mais abrangentes.

É importante ressaltar também que existe neste projeto a preocupação de encaminhamento dos alunos para estágios. Alguns dos alunos que participaram efetivamente das oficinas já estão atuando no mercado de trabalho.

*Gisele Pinto Costa*  
Coordenadora

## ATIVIDADES

Atualmente, constam do Núcleo:

- 2 turmas de Corte/Costura e Modelagem;
- 2 turmas de Artes Plásticas, voltadas para a confecção de objetos artesanais em papier maché, como bijuterias, objetos de decoração, máscaras e fantoches, que podem ser vendidos e, portanto, conjugam os conteúdos expressivos-visuais com a possibilidade de profissionalização;
- 1 turma de Pintura em Tecido, onde também são confeccionados objetos como: aventais, jogos americanos, almofadas etc., facilmente comercializáveis.

## PROFESSORES

**DÉBORA MONTANO** – Oficina de Artes Plásticas. Graduada em Educação Artística, com habilitação em artes Plásticas. Integra também o quadro docente do CSVP.

**LÚCIA JUSTINO** – Oficina de Corte/Costura e Modelagem Industrial. Formação em nível de 2º grau e curso técnico.

**RICARDO** – Oficina de Pintura em Tecido. Graduado em artes Cênicas, com habilitação em Cenografia.

A responsável pela idealização e coordenação do Núcleo é a professora **GISELE PINTO COSTA**, docente do CSVP na área de Artes Plásticas e também graduada em Educação Artística.

O Núcleo de Profissionalização e cultura funciona diariamente no período noturno, das 18 às 21 horas.

# Educação para uma

A nova Proposta Educacional do Colégio São Vicente de Paulo é fruto de muita reflexão e de muitos anos de experiência pedagógica. Mas sua aplicação e seu aprofundamento dependem da participação ativa e da colaboração de todos: alunos, professores e funcionários, pais de alunos e amigos do Colégio. Apresentamos a íntegra da proposta, além de uma entrevista com o diretor do CSVP, Pe. José Pires de Almeida.

**A Chama: O novo texto da Proposta Pedagógica traz alguma modificação substancial?**

**Pe. Almeida:** É com alegria e esperança que iniciamos esta nova etapa pedagógica. Alegria, porque as modificações feitas ao texto de nossa Proposta são fruto amadurecido de, pelo menos, três anos de reflexão. Esperança, porque a nova apresentação parece-nos bem mais explícita que a precedente e, portanto, mais inteligível e bem mais atraente.

Quanto à pergunta, respondo: não. Modificação essencial, de forma alguma; apenas, alguns desdobramentos e pequenos acréscimos, exigidos pelas circunstâncias hodiernas.

Quando, em 1991, tivemos de restringir a liberdade de ir e vir de que gozavam os alunos de nosso 2º grau, houve enorme reação dos mesmos, aliás, bem previsível. Um deles veio à minha sala me interpelar: "o senhor mudou a filosofia do Colégio!" Sem esperar reação, acrescentou: "Como protesto, estou mudando de escola".

Até que ponto, reflito, uma simples concessão, motivada por razões circunstanciais e, tornada "tradição", se transforma em filosofia, não é fácil decidir.

Mas, como a Proposta visa essencialmente, ao respeito à pessoa humana, através da busca do diálogo, da coresponsabilidade, do aperfeiçoamento

do senso crítico, etc., aceito tranqüilamente que, na ocasião, ao decidir sobre um ponto tão importante da disciplina, sem prévio diálogo com os interessados, a Direção no mínimo se desviou da observância ortodoxa. Essa falha foi corrigida num 2º tempo, quando, organizados por apresentações de turmas, os alunos pediram e obtiveram diálogo, acertando-se os pontos

litigiosos e, creio, salvando-se a Proposta.

**A Chama: Quais são as principais alterações sofridas?**

**Pe. Almeida:** O texto anterior falava de *Pressupostos e Principais Exigências*. O atual se desdobra em *Princípios, Metas e Linhas de Ação*.

Entre os princípios, ponto de partida, mencionamos apenas os que, diretamente relacio-

## Proposta Educacional

*"Hoje, mais do que nunca, procurem com audácia, humildade e competência, descobrir as causas da pobreza e criem, a curto prazo, soluções concretas e eficazes".*

*João Paulo II (Discurso aos Missionários Vicentinos, em 30 de junho de 1986)*

Em 1968, os Bispos da América Latina reuniram-se em Medellín, Colômbia. Preocupados, entre outras questões pastorais, em promover uma educação capaz de questionar a realidade social existente e contribuir para uma convivência mais humana e democrática, apresentaram novas diretrizes para a prática pedagógica da Igreja, inspiradas no ideal de uma Educação Libertadora.

Posteriormente (Puebla, México, 1979), explicitaram que, para a Igreja, a Educação Libertadora é também Evangelizadora ou um meio de promoção da justiça, da comunhão e da participação, assinalando, entre suas prioridades, a opção preferencial pelos jovens.

Seguindo as diretrizes dos Bispos da América Latina, assumidas oficialmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB - Doc. 47, 1992 - "Educação, Igreja e Sociedade"), o Colégio São

Vicente de Paulo estabelece, para orientar sua prática pedagógica, os seguintes princípios, metas e linhas de ação:

### PRINCÍPIOS

1 - Exercício da liberdade, exigência fundamental da pessoa humana, como poder construtivo e ordenado ao bem pessoal, comunitário e social.

2 - Dimensão política da Educação que, como tal, não pode ser neutra.

3 - Valor absoluto da pessoa humana, aberta à comunhão filial com Deus e à comunhão fraterna com os semelhantes.

### METAS

1 - Desenvolvimento pessoal dos educandos e educadores; aperfeiçoamento e valorização dos profissionais do ensino.

2 - Formação para o exercício consciente e crítico da cidadania.

# sociedade mais justa

onados com a prática pedagógica, acentuam o sentido antropológico da vivência escolar em que se movem seres humanos em relação com Deus, com os semelhantes, a sociedade e o universo.

Entre as metas, ideal que se mira como ponto de chegada - enumeramos o que a Escola confessional deve visar em relação a Educadores e Educandos, para se ajustarem ao mundo da política, do trabalho, da cultura numa sociedade pluralista e competitiva.

Nas linhas de Ação, buscamos acentuar o sentido de nosso agir pedagógico. Costuma-se dizer que o São Vicente é liberal. Nosso propósito é caminhar com responsabilidade e respeitando, na medida do possível, a

espontaneidade infantil e juvenil para a construção de alguns valores que enobrecem a pessoa humana: solidariedade e serviço, compromisso com a cidadania e transformação social, senso de justiça e consciência ecológica.

É pouco? É muito? Buscamos ser fiéis aos documentos de inspiração sem a preocupação de ser exaustivos. A experiência mostrará as falhas.

**A Chama: Qual é, em suma, a novidade da nova versão da Proposta, além desta tríplice divisão?**

**Pe. Almeida:** De novo, mesmo, temos nas metas a menção do "aprofundamento, vivência e celebração da Fé cristã", o que a alguns parecerá mudan-

ça de rumos. Na realidade, vivamos às mesmas atitudes ou práticas tradicionais, isto é, dar formação religiosa que respeite a diversidade de cultos e opções religiosas; e ministrar catequese específica para os que optam pela iniciação à vida cristã através dos sacramentos do Batismo, da Crisma, da Eucaristia e da Reconciliação, cuja oportuna celebração proporcionamos aos candidatos.

Nas linhas de ação, temos igualmente, algo novo na referência à Ecologia, em seu sentido mais amplo e na proposta de "Articulação entre Fé e Cultura, Fé e Vida pessoal, Fé e Compromisso Social". Também aqui, não se trata de nova orientação, mas, quem sabe, de aspiração a um esforço redobrado da fidelidade à condição de Escola religiosa.

**A Chama: Como se prevê a difusão e o estudo desta nova versão da Proposta?**

**Pe. Almeida:** A difusão se fará por todos os meios viáveis, a começar pela publicação n'A Chama, BBSVP, home-page, etc. Quanto ao estudo e reflexão visando à plena execução, aceitamos sugestões. Convoquei, por exemplo, a nova Diretoria do Grêmio do 2º grau, Greco, constituída só de alunas. Passei-lhes o exemplar da Proposta em primeira mão e pedi-lhes que pensassem na difusão e estudo. Entusiasmaram-se naquele momento, mas ainda não me deram o retorno. É o que acontece quase sempre. Filosofar é difícil. Toda a Escola está desafiada a enfrentar batalhas. Não se perca no tempo o fruto de dedicado trabalho dos que mais de perto colaboraram nesta transfiguração da Proposta Pedagógica do Colégio São Vicente de Paulo.

3 - Aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de aptidões para o mundo do trabalho e da cultura.

4 - Aprofundamento, vivência e celebração da Fé Cristã, como processo inculturado e libertador.

5 - Realização da unidade Fé - Cultura, missão específica e essencial da Escola Católica na Pastoral da Igreja.

## LINHAS DE AÇÃO

1 - Conscientização de todos, educadores e educandos, como sujeitos corresponsáveis pelo próprio crescimento e pelo desenvolvimento comunitário: EDUCAÇÃO PARA A RESPONSABILIDADE E O SERVIÇO.

2 - Participação da comunidade educativa na discussão e tomada de decisões atinentes à vida social e cultural do Colégio: EDUCAÇÃO PARA A CORRESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE.

3 - Desenvolvimento da capacidade de selecionar o que é relevante, fazer escolhas fundamentadas, criar convicções pessoais, recusar o consumismo e os padrões culturais alienados: EDUCAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DO SENSO CRÍTICO.

4 - Ações democráticas, organizadas

ou espontâneas, com a participação criativa em todo o processo educativo, em vista do aperfeiçoamento da consciência cívica e política: EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA.

5 - Utilização das diferentes disciplinas, da multimídia e de outros recursos tecnológicos, favorecendo o avanço do pensamento crítico e a construção de novas referências para a transformação da sociedade: EDUCAÇÃO PARA O COMPROMISSO E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

6 - Cuidado com os bens naturais e materiais, a saúde e a segurança de tudo e de todos: EDUCAÇÃO PARA A CULTURA DA VIDA E A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

7 - Esforço para superar o autoritarismo, o egoísmo, a violência e os preconceitos, através do diálogo e do respeito mútuo: EDUCAÇÃO PARA A JUSTIÇA E A FRATERNIDADE.

8 - Articulação entre Articulação entre Fé e Cultura, Fé e Vida pessoal, Fé e Compromisso Social e a manutenção de um quadro orgânico estável para a instrução e formação religiosa em todos os níveis: EDUCAÇÃO PARA A VIVÊNCIA DA FÉ E A ESPIRITUALIDADE.

**A** expectativa era grande. Afinal, era a primeira vez que eu ia para a Serra do Caraça. A possibilidade de me defrontar cara-a-cara com um lobo também mexia muito comigo, já que ele é meu animal preferido e por quem eu nutro uma profunda admiração: pelo seu estilo de vida errante, cuidadoso com a família, artiloso, inteligente e de rara beleza.

A responsabilidade com o grupo também era grande, pois estávamos indo para um lugar que se apresentava como grande incógnita. Eu já havia ouvido falar muito bem do Caraça. Mas, infelizmente, nunca tinha tido a oportunidade de ir.

O grupo era formado por 29 alunos, dois professores de ciências (José Carlos e Cristiane), a Professora Lúcia, auxiliar da Coordenação, o nosso guia oficial, o ex-aluno Zé Edu, e eu, também professor de ciências e já conhecedor de vários alunos do Colégio São Vicente de Paulo.

Embora bastante heterogêneo - havia alunos do primeiro grau (6ª, 7ª e 8ª séries) e do segundo (1ª, 2ª e 3ª séries) - o grupo de alunos mostrou-se coeso, interessado e participativo. Foi realmente um grupo ótimo e todo o trabalho transcorreu sem problemas.

## **“As portas do paraíso ainda estavam fechadas...”**

A saída foi marcada por muitas despedidas e apreensão. Afinal, estávamos partindo para um final de semana que, sem dúvida, iria marcar as nossas vidas para sempre. Pelo vídeo e pela palestra que assistimos dias

# O Parque do Caraça



antes de partirmos, já tínhamos idéia do que nos esperava. Mas a viagem era longa. E cansativa!

O motorista era nosso velho conhecido de guerra. Havíamos trabalhado com ele em outras oportunidades e confiávamos na sua responsabilidade e competência. A estrada - perigosa, estreita e com neblina - oferecia ambiente *noir* e nostálgico dos bons filmes hitcoquianos.

Depois de aproximadamente doze horas dentro de um ônibus, com algumas paradas salvadoras, finalmente chegamos à entrada do Parque do Caraça. Decepção! Estava fechada. Afinal, chegamos antes das 7, horário de abertura do Parque.

Após um tempo breve de confabulações, decidimos ficar do lado de fora do ônibus à espera do vigia que nos iria abrir as *Portas do Paraíso*. Ao chegarmos, nos deparamos com a beleza das

flores ao raiar do dia. As montanhas, ainda cobertas com a neblina que teimava em se dissipar com os primeiros raios de sol, nos fazia pensar acerca dos sentimentos dos nossos antepassados de tempos imemoriais, quando ali chegaram pela primeira vez.

Lindo! Maravilhoso! Sinistro! Chocante! Estas foram algumas das expressões que ecoaram pelos morros e montanhas do Caraça e que, de certa forma, foram os arautos da nossa chegada.

A nossa segunda providência, já que a primeira foi ficar embasbacado, foi tomar o café da manhã. Refeição maravilhosa, manjar dos Deuses, para os corpos cansados e moídos depois de tanto tempo dentro do ônibus. Após o café, nos instalamos em nossos quartos e fomos nos encontrar para a primeira das caminhadas. Como havia anunciado o guia maravi-

lhoso, Zé Edu, esta seria uma caminhada *light*.

Apesar de *light*, foi sensacional: uma cachoeira belíssima. A água cor de coca-cola (eu acho que devido à presença de iodo; os Zés - Carlos e Edu - pensam tratar-se de ferro) dava um tom meio lúgubre às montanhas, cobertas com uma vegetação sombria, típica do cerrado. A água estava muito fria, mas isso não parecia importar muito para nenhum de nós. Afinal de contas, estávamos todos juntos, no nosso primeiro dia no Caraça.

## **“O lobo! Eu juro que vi! Infelizmente a foto se perdeu...”**

A vegetação do cerrado é bastante típica. Compõe-se de plantas com predominância do porte arbustivo, semi-arbustivo, entremeadas por plantas de porte arbóreo, mais raras e espalhadas pelas áreas mais montanhosas. São vegetais de folhas secas, esclerófilas (duras), marcadas pela intensa insolação, típica do clima quente destas regiões. Vegetais que apresentam adaptações espetaculares no que diz respeito ao acúmulo e reserva de água para as agruras da estação seca (de quatro a seis meses por ano). Porém, no período de chuvas, cuja intensidade é bastante razoável, já que cai em média 1000 mm<sup>3</sup>, elas florescem em todo o seu esplendor.

Chegamos em um período intermediário entre o fim da estação seca e o início da estação chuvosa e ainda assim, pudemos perceber uma parte da pujança do que é o cerrado.

A fauna é muito rica em aves, pequenos mamíferos e - infelizmente para muitos de nós - ré-

teis, principalmente cobras. Elas simplesmente adoram permanecer expostas ao sol durante o dia nas belas rochas da região. Tivemos, inclusive, a oportunidade de nos deparar com uma jararaca, provavelmente uma *Bothrops jararaca*, tranqüilamente exposta ao sol.

Sabiás, mutuns, coleiros, corujas-buraqueiras, eram muitas aves, com suas cores e plumagens. Seus cantos e vôos graciosos enchiam o ar e nossos corações de emoção.

O Lobo! Eu juro que vi! Infelizmente, a documentação fotográfica dessa maravilhosa visita se perdeu. Mas, na memória dos que estavam presentes observando o seu caminhar altivo, poderoso, senhor da mata, o dono do pedaço, estas imagens ficarão para sempre. O temor deu lugar à admiração, ao prazer de estar vivo e poder estar compartilhando daqueles momentos de êxtase com um grupo tão maravilhoso de pessoas.

## **“A cada dia, compreendo melhor o que é ser da comunidade do CSVP”**

Os dias se sucederam. As noites esplendorosas, pontuadas por incontáveis estrelas e por uma verdadeira chuva de estrelas-cadentes, nos davam ânimo e a esperança de que o dia seguinte ainda seria melhor. Mas, seria isto possível? Foi! A



cada dia nos surpreenderíamos com a beleza e majestade do Caraça.

Até que chegou o derradeiro dia. O dia de irmos embora. Tentamos esboçar um motim coletivo, seqüestrar o ônibus com motorista e tudo, furar os pneus, ou qualquer outro ato tresloucado que nos pudesse permitir mais algum tempo de desfrute daquela paisagem mágica.

Fomos agraciados com um lanche de despedida. Gentileza que nos marcou a todos. As belas palavras ditas por pessoas que nem sequer nos conheciam direito emocionaram a todos. A cada dia, compreendo o que é ser da comunidade do Colégio São Vicente de Paulo. Quando chegamos, já tive uma amostra disso. Mas, agora compreendo melhor. E, se já nutria profunda admiração pelos alunos e profissionais desta instituição, depois desta excursão chego a sentir profundo orgulho de ter participado dela. Obrigado. Em quatro anos de trabalho, pude compreender e perceber as práticas pedagógicas realizadas nesta instituição e admirá-la cada vez mais.

Até o próximo Caraça! Obrigado, Deus, por me dar mais uma oportunidade de conhecer uma das suas obras maravilhosas.

**Andres Salomon  
Cohen Sebilja,**

*funcionário da empresa de turismo*



A *Academia Riodança* funciona desde março de 1988 dentro do Colégio São Vicente de Paulo. Por lá já passaram e continuam passando alunos, professores, coordenadores e funcionários do Colégio e muitos moradores do bairro.

A Riodança tem a direção da Bailarina, Coreógrafa e Maitre de Ballet Alice Salles que estudou Ballet Clássico na antiga Escola de Danças do Teatro Municipal e Dança Moderna com as professoras Nina Verchinina e Lourdes Bastos no Brasil, e com Martha Graham nos Estados Unidos.

Desde sua fundação, a Riodança tem recebido vários prêmios. Em 89 e 90 recebeu troféus de primeiro lugar em Dança Moderna em Festivais no Rio e em Niterói. Em 91, foi finalista da "VIII Mostra para Novos Coreógrafos". Em 92, participou do "I Panorama de Dança Contemporânea". Em 94, participou do "III Certamen Internacional de Ballet y Danza de Buenos Aires", sendo selecionada como a única companhia de dança brasileira a participar desse evento. Em setembro de 96, participou do "IV Certamen Internacional de Ballet y Danza de Buenos Aires", obtendo **medalha de bronze** na categoria melhor bailarina (Chayene Torres) de Dança Moderna/Contempo-

rânea e medalha **Menção Coreográfica** pelas coreografias de Alice Salles inscritas no evento. Acabou de ser aprovada, após rigorosa eleição feita através de vídeo e curriculum, para participar do "Septième Concours International de Danse de Paris", com as duas coreografias que recentemente levou para a Argentina (o evento será de 20/11 a 6/12 em Paris-França).

Durante todos esses anos são realizados *Espetáculos da Academia*. Em dezembro de 1996, acontecerá o **IX Espetáculo da Academia**. Na maioria das vezes, esses eventos são apresentados no Centro Cultural Cândido Mendes - Teatro João Theotônio.

A Academia Riodança oferece cursos de Alongamento e Ioga para adultos e de Dança Moderna para crianças e adultos em diversos níveis e horários.

Para qualquer informação contatar a **Riodança** pelo tel. 205-7399 ou visitá-la ao lado das quadras.

# RIODANÇA

## HORÁRIOS PARA 1997

### **CURSOS**

- ALONGAMENTO - Adultos
- IOGA - Adultos
- DANÇA MODERNA - Crianças a partir de 7 anos e Adultos

### **ALONGAMENTO**

2<sup>as</sup> 4<sup>as</sup> 6<sup>as</sup> - 7 às 8 h  
- 12:30h às 13:30h  
2<sup>as</sup> 4<sup>as</sup> - 8 às 9 h  
3<sup>as</sup> 5<sup>as</sup> - 19:45h às 20:45h

### **IOGA**

3<sup>as</sup> 5<sup>as</sup> - 7 às 8 h  
- 16:30h às 17:30h

### **DANÇA MODERNA**

#### *Infantil I (7 a 9 anos)*

2<sup>as</sup> 4<sup>as</sup> 6<sup>as</sup> - 17:45h às 18:45h

#### *Infantil II (9 a 11 anos)*

3<sup>as</sup> 5<sup>as</sup> - 12 às 13 h

#### *Infantil III (a partir de 11 anos)*

3<sup>as</sup> 5<sup>as</sup> - 17:45h às 18:45h

#### *Iniciante (a partir de 13 anos - adulto)*

3<sup>as</sup> 5<sup>as</sup> - 18:45h às 19:45h

#### *Intermediária (adulto)*

2<sup>as</sup> 4<sup>as</sup> - 9:15h às 10:30h  
- 12:30h às 13:30h



#### *“Cena I”*

*Coreografia: Alice Salles*

*Bailarina: Chayene Torres*

*Foto: Eliana Cancela*

---

## *Pas-de-Deux*

Duas bailarinas brasileiras foram selecionadas pelo comitê do Sétimo Concurso Internacional de Dança de Paris, presidido pela primeira dama Bernadette Chirac, para disputar aquela competição, a partir do dia 20, na França.

São elas a coreógrafa Alice Salles e a bailarina Chayene Torres, da academia Riodança.

(*O Globo* - segunda-feira,  
21 de outubro de 1996)

# OLIMPIÁDA: Esporte Competitivo

No mundo em que vivemos, não podemos negar, existe muita competição: na tecnologia, na ciência ou mesmo nas artes. Países, estados, municípios, clubes e pessoas competem entre si por prestígio, medalhas, poder ou ganância.

A supervalorização da vitória está presente em muitas situações. Este fato é, muitas vezes, reproduzido no interior das próprias famílias, escolas, comunidades. Quase sempre o vitorioso é valorizado e prestigiado. Entretanto, temos que entender que, numa competição, sempre haverá vitorioso e derrotado, e a prática demonstra que, em termos quantitativos, temos mais derrotados que vencedores.

Muitas vezes, com pesar, vemos um clima de hostilidade tomar conta das competições desportivas. No entanto, não é a competição que cria este ambiente de rivalidade, de guerra entre as equipes e da busca da vitória. É o esporte, sofrendo reflexo da vida cotidiana, onde, nem sempre, se respeita o companheiro e, muitas vezes, imperam a inveja, o ciúme e a falsidade.

Ao idealizar o esporte competitivo, o Barão de Coubertain pretendia levar os homens a se respeitarem, independentemente da vitória ou da derrota. A partir desta concepção, torna-se necessário que, através do diálogo constante e insistente, nossos jovens compreendam que o grande objetivo da competição é a confraternização entre as pessoas. Portanto, a competição, quando bem conduzida e orientada, é um excelente exercício de cidadania e um agente de transformação social.

Na prática educativa, a competição desportiva mexe intensamente com as emoções e propicia o aparecimento da agressividade, tão latente na espécie humana. Nesse ponto está uma das grandes responsabilidades do professor de Educação Física. A ele cabe evitar que os ânimos se exacerbem, orientando os jogos de tal forma que vigorem o respeito ao adversário e ao companheiro de equipe, a honestidade e, sobretudo, a modéstia na vitória e a serenidade na derrota.

É desafio constante para mim e para toda a equipe de professores, a formação da consciência crítica a

respeito de todos os conceitos explicitados acima. Reconheço que esta é mais uma utopia na educação de nossos jovens, pois seria necessário um trabalho que envolvesse, além de toda a comunidade escolar, as famílias, a sociedade e os meios de comunicação de massa.

Contudo, creio que este é um *sonho possível* de tornar-se realidade a partir de nossa *pequena* comunidade vicentina. Temos experimentado esta realidade em diversos momentos e isto se deve ao envolvimento de toda a comunidade educativa. Gostaria de destacar as palavras da professora Marlene Blum, coordenadora da 1ª e 2ª séries do 1º grau, que falou aos alunos, na abertura da Olimpíada deste ano: "Quero que, nesta Olimpíada, rolem muitas lágrimas de alegria, muitas lágrimas de tristeza, porém não gostaria que rolasse nenhuma lágrima de raiva".

Enfim, precisamos, todos juntos, fazer do esporte um verdadeiro agente educativo para nossos jovens.

**Prof. Paulo**

*Coordenador de Educação Física*

## Destaque do Ano

Este foi um ano de muitos jogos amistosos, muitas competições, muitas vitórias e derrotas, e o mais importante, de uma intensa participação de nossas equipes.

Selecionamos, como destaque deste ano, a **equipe de Basquete feminino**, categoria Jovem (até quinze anos), que participou do *XIV Intercolegial O Globo Dan'Up*. Ela foi incansável, disciplinada, responsável, dedicada e, principalmente, muito competente. Depois da fase de classificação chegou ao quadrangular final com os Colégios Fernando Alves, CEMI e Marcos Richardson. As finais foram muitas equilibradas, sendo que nossa equipe obteve duas vitórias e uma derrota, ocasionando um triplice empate no primeiro lugar. Para efeito da premiação, cumprindo o regulamento, que previa como critério de desempate o saldo de cestas, ficou com a medalha de bronze, apenas a um ponto da segunda colocada.

Foi uma campanha fantástica. No último jogo nossa equipe enfrentou o Colégio Fernando Alves no seu próprio ginásio, completamente lotado, e obteve vitória com uma atuação soberba e muito bem orientada pelo prof. João.

*Padre Almeida entregou as medalhas à equipe. Em pé: Padre Almeida, Carolina Cara, Paola, Prof. João, Carolina Peixinho, Renata, Priscila, Thais. Agachadas: Carolina de Rezende, Natasha, Marina e Gabriela Peixinho. Ausente a Joana Clark, que estava com o pé quebrado.*



A seguir, apresentamos os resultados de nossa Olimpíada de 1996, que teve a sua abertura no dia 10 de setembro com o 1º grau e o seu término no dia 24 de outubro, com as finais de Futebol do 2º grau.

<b>1ª E 4ª SÉRIES:</b> Foram realizados 16 jogos de Futebol, 16 jogos de Queimado, 8 competições de corrida de obstáculos e 8 Bolas ao Cesto.	<b>Série</b>	<b>Futebol</b>	<b>Queimado</b>	<b>Revez. masc.</b>	<b>Revez. fem.</b>
	1ª	verde	azul	amarelo	branco
	2ª	azul	azul	branco	azul
	3ª	amarelo	amarelo	branco	branco
	4ª	azul	amarelo	branco	branco
	<b>Série</b>	<b>Bola ao Cesto/masc.</b>		<b>Bola ao Cesto/fem.</b>	
1ª	branco - Bernardo Katz - t. 11		verde - Cristina - t. 13		
2ª	amarelo - Cauê Costa - t. 25		azul - Giuliana - t. 23		
3ª	azul - João Maurício - t. 31		azul - Manoela Kemper - t. 34		
4ª	branco - Milena - t. 44		amarelo - Leronardo Salek - t. 44		

<b>2º GRAU:</b> Realizados 17 jogos de Futebol, 14 de Basquete, 11 de Vôlei e 10 de Handebol.	<b>Modalidade</b>	<b>Campeã</b>	<b>Vice-Campeã</b>
	Basquete masculino	turma 3º A	turma 3º C
	Basquete feminino	turma 3º C	turma 1º D
	Vôlei masculino	turma 2º B	turma 3º C
	Vôlei feminino	turma 1º A	turma 1º C
	Handebol masculino	turma 3º C	turma 3º A
	Handebol feminino	turma 1º A	turma 1º C
	Futebol masculino	turma 2º A	turma 3º C
	Futebol feminino	turma 3º C	turma 2º B
	<b>Classificação</b>	<b>Turma</b>	
Campeã	turma 3º C com 48 pontos		
Vice-campeã	turma 1º A com 20 pontos		
3º lugar	turmas 2º B e 3º A com 16 pontos		
4º lugar	—		
5º lugar	turma 1º C com 12 pontos		
6º lugar	turma 2º A com 10 pontos		
7º lugar	turma 1º D com 6 pontos		

<b>5ª A 8ª SÉRIES:</b> Foram realizados 24 jogos de Basquete, 14 de Voleibol, 12 de Handebol e 12 de Futebol.	<b>Série</b>	<b>Basquete Masc.</b>	<b>Basquete Fem.</b>	<b>Vôlei Masc.</b>	<b>Vôlei Fem.</b>	<b>Handebol</b>	<b>Futebol</b>
	5ª	53	54	53	52	52	54
	6ª	63	61	61	63	61	63
	7ª	71	72	73	74	72	72
	8ª	82	82	84	82	84	81
	<b>Série</b>	<b>Classificação</b>					
		<b>Campeã</b>		<b>Vice-Campeã</b>			
	5ª	turma 54 com 38 pontos		turma 53 com 32 pontos			
	6ª	turma 63 com 42 pontos		turma 61 com 30 pontos			
	7ª	turma 72 com 36 pontos		turma 71 com 28 pontos			
8ª	turma 82 com 42 pontos		turma 84 com 20 pontos				

# Um contrato de risco: ensinar, educar, transmitir

Maria Clara Corrêa

Texto adaptado da palestra realizada no CSVP, dia 29/3/96

**P**rocuirei com o título acima condensar o rumo de nosso pensamento. Com isso, quero fazer com que ele funcione como bússola, do mesmo modo como funcionou para mim durante a criação do texto. De fato, pelas circunstâncias, esta fala nasceu primeiro como título e só depois foi que me encontrei com o desafio de fazer deste título um texto. Como resolvi primeiro o problema desmontando o título em partes e observando as associações que cada uma despertava em mim, resolvi escrever assim este artigo.

## 1 - O RISCO DO CONTRATO

Em um belíssimo conto de seu livro *Ficções*, chamado *As ruínas circulares*, Jorge Luís Borges nos apresenta o personagem principal deitado sob um templo antigo onde outrora se faziam sacrifícios ao deus Fogo. O que ali o detinha era uma tarefa vital: "Queria sonhar um homem: queria sonhá-lo com integridade minuciosa e impô-lo à realidade. Esse projeto mágico esgotara o inteiro espaço de sua alma; se alguém lhe perguntasse o próprio nome ou qualquer traço de sua vida anterior, não teria acertado na resposta" (p. 60, *Ficções*). O corpo enfim encarnado deste filho, gerado sob as ruínas do templo do Fogo, guarda a propriedade de não poder se queimar, para surpresa do pai. Por isso sente temor de que o filho venha a descobrir a singularidade de sua origem: "Temeu que seu filho meditasse nesse privilégio anormal e descobrisse de alguma maneira sua condição de mero simulacro. Não ser um homem, ser a projeção do sonho de outro homem, que humilhação incomparável, que vertigem!"

Quase no final do conto, o velho pai observa que o templo onde se abrigara pegava fogo. Diz-nos Borges: "Por um instante, pensou refugiar-se nas águas, mas em seguida compreendeu que a morte vinha coroar sua velhice e absolvê-lo dos trabalhos. Caminhou contra as línguas de fogo. Estas não morderam sua carne, estas o acariciaram e o inundaram sem calor e sem combustão. Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que ele também era uma aparência, que outro o estava sonhando" (p. 66, *Ficções*).

Por que tomar como parábola um conto sobre homens gerados e existentes apenas pelos sonhos de outros homens, quando nos propomos refletir sobre os riscos do encontro humano chamado educação? Borges, com seu texto, nos revela uma tensão básica: como permitir que, dos ideais que nos norteiam, dos

sonhos que sonhamos, surjam pessoas com a singularidade de traçar caminhos próprios e originais?

Ter filhos e educá-los, ou receber crianças e adolescentes na escola, implica defrontar-se com os elementos de uma estrutura problemática: concepções, planos, projetos próprios formarão o quadro de partida dos que estão educando. Quem é acolhido para ser educado encontra assim, a esperá-lo, uma rede de idéias, de ideais, de crenças e de lendas pelas quais se forjaram os que estão no lugar de educar, e através das quais o educando emergirá como sujeito capaz de criar uma trilha diferente, ou se alienará numa repetição do mesmo.

Este risco é inelutável. Ele está escrito no ato de ter filhos e no ato de fundar uma escola. Se eu fundo uma escola, digo aos pais que conto poder levar a cabo este empreendimento de transmitir e fazer surgir. A expressão *contrato de risco* indica que o empreendimento interessa às duas partes pelo resultado possível, mas é entretanto incerto. A assinatura do contrato implica que, mesmo assim, as duas partes concordaram em que ele valia a pena.

De fato a vivência de um risco está presente em todo contrato humano (deveríamos dizer *contato humano*?). A escola é entretanto atravessada por ele de um modo particularmente expressivo: se na família este risco é determinante, de seu resultado dependendo o modo como a criança, futuro adolescente e adulto, vai se orientar quanto a seu lugar no mundo - ou se até mesmo vai achar para si um lugar no mundo -, na escola o risco se apresenta também como oportunidade de retomar o que foi marcado na família, em alguns casos inaugurando uma segunda chance para o pequeno sujeito em formação. Para algumas crianças e adolescentes, a escola constitui mesmo um encontro salvador, que chega a reorientar o que só poderia ter conhecido um destino sinistro, não fosse a entrada em ação desse outro mundo simbólico.

Algumas pessoas poderiam se espantar com a idéia deste poder simbólico da escola, poder de abertura a novas possibilidades para certos alunos cuja história em seus primeiros anos na família revelaria mais a precariedade do que a riqueza de subjetivação. Acreditamos que toda instituição com que um sujeito interage longamente pode convidar este sujeito à participação e à invenção de modalidades expressivas de alto valor estruturante.

Ao fazermos a afirmação do risco que implica o

contrato humano, nos colocamos na especial condição de refletir sobre algo absolutamente óbvio, e que, entretanto *estranhado*, pode trazer frutos. Por que todo contato humano é de alto risco?

### 1.1 - As palavras e as intenções

Um modo possível de responder a esta pergunta é considerar como a potência dos sonhos, dos ideais, se ordena pela potência das palavras. Um contato humano é de risco porque ele é constituído primordialmente com o que se diz pelas palavras. O que marca a fala humana é seu caráter interpretativo, uma matriz de equívocos que nascem dos intervalos de significação que quem escuta precisa preencher. Eu digo, vocês escutam, sabemos que estamos falando português, e entretanto, tal como o filme que pode ser contado várias vezes porque cada pessoa verá sempre um diferente, o efeito das palavras trocadas é absolutamente singular segundo o par ou os pares envolvidos na troca. O equívoco das palavras me permite encontrar brechas no tecido do sonho por elas organizado e criar um caminho singular, que, embora partindo delas, me faz aparecer como eu mesmo, me permite a criação de uma resposta inédita.

Mas... nossas palavras não apenas *significam*. Elas têm também o valor de *atos* que atingem o outro, revelando-se como portadores de intenções a se realizar. Tal natureza inerente às palavras evidencia-se naqueles momentos especiais em que nos perguntamos por que certas palavras nos foram ditas, o que é que alguém queria de nós quando nos disse algo cujo sentido entretanto não nos trouxe qualquer dificuldade. Uma experiência que poderíamos assim resumir: “entendi o que você disse, mas não sei o que você quer”.

Deste modo, as palavras constituem um risco porque deixam passar uma intenção do outro a meu respeito. E esta intenção é tão esperável que me vejo obrigado a decifrá-la como um enigma.

### 1.2 - As intenções e sua efetivação

O risco se apresenta agora como o da perspectiva possível que eu assumo frente a essa ação do outro sobre mim. Que espaço ela me dá para eu aparecer, para eu poder me tecer como uma subjetividade? Na família, esta ação se faz dos pais sobre os filhos, sem exclusão daquilo que estes mesmos pais puderam receber das palavras-ação das gerações acima das suas. (Na nossa parábola, lembremos, o homem que sonha o filho é ele mesmo o resultado do sonho de um outro).

Então, o *contrato* ou *contato* de risco entre os humanos se expressa pelas palavras que me dizem o que o outro sonha para mim. Minha lenda particular veicula, em ações heroizadas, o que eu guardei dessas intenções contadas a mim por minha família.

Em seu texto sobre o *Narcisismo*, Freud falará muito especialmente do sonho dos pais para os filhos: “Se prestarmos atenção à atitude dos pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma

revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram... Assim, eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele... Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não o atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – *Sua Majestade, o Bebê* – como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe.” (p.108, *Introdução ao Narcisismo*)

## 2 - TRANSMITIR

O rumo de nossas palavras nos leva então a tomar agora o terceiro termo de nossa série – **transmitir** – desarrumando a ordem de emissão. Recorremos a dois textos, por onde, esperamos, ouviremos novas parábolas sobre o que neste momento nos ocupa.

O primeiro é o conto *A teoria do medalhão*, de Machado de Assis. Trata-se de fato de um legado em palavras, de pai para filho.

Um rapaz faz vinte e um anos. Depois da festa, partidos os convivas, o pai inicia com ele uma conversa sobre o futuro, que não precisa ser tão incerto, caso se tomem algumas precauções:

“É de boa prática acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição” – diz a seu filho o personagem narrador (p.92, 1987). Qual o melhor ofício que fica assim de reserva para o fracasso da realização das profissões? O pai continua: – “Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho de minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra condição ou relevo moral, além das esperanças que deposito em ti.”

O pai vai dialogando com seu filho e enumerando os cuidados. O primeiro a exigir atenção é o das idéias: “As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto” (p.93). Uma vez entrado na carreira, deves pôr de lado todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente...” (p.92).

O medalhão é cuidadoso com suas palavras. Quanto a isso, “o vocabulário há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...” (p.94). “Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento... Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas” – diz o pai – “não te aconselho este artifício... Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil” (p.94-95)

Responde o filho que não é nada fácil seguir o que o pai lhe ensina, com o que o pai concorda: “É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me...” (p.98). “Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o *Príncipe de Machiavelli*” (p.99).

O segundo texto a que recorreremos neste nosso caminho pela palavra **transmissão** foi escrito por ocasião da primeira grande guerra. Seu autor é Freud, e seu título *Sobre a transitoriedade*:

“Não faz muito tempo empreendi, num dia de verão, uma caminhada através de campos sorridentes na companhia de um amigo taciturno e de um poeta jovem mas já famoso. O poeta admirava a beleza do cenário à nossa volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno, como toda a beleza humana e toda a beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade.” (p.345, 1915)

“Minha palestra com o poeta ocorreu no verão antes da guerra. Um ano depois irrompeu o conflito que lhe subtraiu o mundo de suas belezas. Não só destruiu a beleza dos campos que atravessava e as obras de arte que encontrava em seu caminho, como também destruiu nosso orgulho pelas realizações de nossa civilização, nossa admiração por numerosos filósofos e artistas, e nossas esperanças quanto a um triunfo final sobre as divergências entre as nações e as raças. Maculou a elevada imparcialidade da nossa ciência, revelou nossas pulsões em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos que julgávamos terem sido domados para sempre, por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres mentes. Amesquinhou mais uma vez nosso país e tornou o resto do mundo bastante remoto. Roubou-nos do muito que amáramos e mostrou-nos quão efêmeras eram

inúmeras coisas que considerávamos imutáveis.” (p.347, op.cit.).

Os dois textos que nos ocorreu aproximar distanciam-se no tempo em 34 anos. De 1881 a 1915, levamos do cinismo à melancolia. Independente de datas, entretanto, estes dois modos de posicionamento frente à vida se oferecem como alternativas ao homem que nos objetos aplica sua força e sua tenacidade. No cinismo, o sujeito alcança uma espécie de vitória simples sobre a incerteza: como não espera nada, acompanha a voga e dela extrai os prazeres momentâneos que fazem a vida confortável. O cínico não se ilude nem se comove. Sabe que é assim e barra qualquer ímpeto de inventividade. Para ele, na tarefa de mudar o mundo, as coisas se revelam declaradamente imutáveis. Ele lhes dará um sorriso e a resposta: “Vocês não me pegam, eu já sabia”.

Na melancolia também o mundo é imutável. Nada pode fazer um sentido que realmente entendamos, nada pode trazer uma alegria que definitivamente faça surgir a felicidade, nada é tão belo que possa resistir à lupa atenta, e o que de mais deslumbrante se cria sempre acaba por desaparecer com o trabalho de desmontagem do tempo.

Freud ergue de modo emocionado sua voz para dizer aos leitores, e retroativamente aos dois amigos, que a perspectiva melancólica tem por base a antecipação proposital do luto, porque o sujeito não admite estar à mercê dos outros lutos cujo tempo e a hora são imprevisíveis: “Não vi como discutir a transitoriedade de todas as coisas, nem pude insistir numa exceção em favor do que é belo e perfeito. Não deixei, porém, de discutir o ponto de vista pessimista do poeta de que a transitoriedade do que é belo implica uma perda de seu valor.

Pelo contrário, implica um aumento! O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição.”

### 3 - ENSINAR

Em nossa associação de pensamentos passamos pela oposição entre o cinismo, a melancolia e o desejo causado pela valia do objeto, e chegamos agora ao risco do ensinar, onde o que está em questão são justamente as operações de aproximação dos objetos. Escolarmente estes estão recortados pelas diferentes modalidades de saber, organizadas segundo as matérias do currículo.

Embora acreditasse que educar, governar e analisar eram tarefas identicamente impossíveis, Freud não deixou de reconhecer que, com a análise, poderíamos alcançar a potencialidade do amor e do trabalho. A teoria do amor em Freud, que jamais se deixou confundir com as “ajudas duvidosamente samaritanas”, não poderá no momento nos atrair com toda a sua complexidade. Vamos nos orientar pela via do trabalho, que nos parece oferecer uma ligação frutífera com o ato de ensinar. Recolheremos mais uma fábula

la, desta vez na filosofia, a famosa estrutura de relação entre o senhor e o servo de Hegel. Assim como não é necessário ter medo de Virginia Woolf, penso que é possível também não termos medo dos grandes filósofos.

Em sua *Fenomenologia do espírito*, caminho de investigação da constituição da verdade, Hegel nos leva através de estações, figuras como ele chama, até o saber dito absoluto. A entrada na terra da verdade vai se fazer para ele pelo encontro de duas consciências. Este encontro é uma prova de caráter radical, de enfrentamento de morte, onde dois destinos podem se apresentar: um destino de autoconsciência independente, e um destino de autoconsciência servil. Quando duas autoconsciências se defrontam e pedem uma à outra reconhecimento, é possível que, pelo medo que a experiência implica em sua radicalidade, uma das consciências se submeta à outra.

Iniciam-se então dois modos diversos de trato do mundo em torno: o do servo, a quem cabe lidar com a dureza da coisa e operá-la pelo trabalho, destinando seu produto ao gozo do senhor, e o trato do senhor, eximido justamente da rudeza e recebendo pronto o produto da tarefa do servo. O que se torna interessante e proveitoso aqui para nós é o futuro do servo. Hegel afirma ser este futuro mais favorável que o do senhor. O que diferencia o servo é o trato duro com as coisas, com aquilo que, antes do trabalho, não participa do mundo simbólico. A cada dia defrontado com o que escapa, com o que pede suor, com o que fatiga, ele se encontra ao mesmo tempo com as formas alcançadas e com o produto de seu labor. A cada traço marcado nessa forma, no que agora já pode se chamar objeto e não mais coisa opaca, inscreve-se também na consciência, até então servil, uma distinção que enriquece.

Constituído o objeto, engendra-se o servo a si mesmo. O resto e a matéria que escapou à forma, levam a prosseguir no dia seguinte. Ao contrário do senhor que consome o objeto sem tê-lo constituído, sem ter lidado com a matéria de que se fez a forma e sem ter conhecido as aparas e sobras, o servo conhece a partir da transformação da coisa o advento de uma fundação.

O caminho da humanidade complexificou em variadas ciências o saber do objeto. Este acervo simbólico chega à pedagogia e alcança as crianças e os jovens. O que a escola busca definir é a qualidade da transmissão deste acervo. Conforme esta definição, abrem-se duas diferentes práticas pedagógicas. Uma pedirá a restituição do que foi informado; outra investirá na tarefa de transformar a aquisição do conhecimento num instrumental de operação do objeto.

Em torno da década de 70, aproximadamente, uma nova tendência pedagógica surgia, na esteira do ensino experimental, opondo-se tanto aos antigos experimentos quanto ao ensino tradicional, justamente pela proposta, até onde posso ver, de um modo diferente de conceber o objeto e a subjetividade. A entrada no

Brasil da *epistemologia genética* de Jean Piaget, bem como de seus prolongados trabalhos sobre a gênese e o desenvolvimento de várias estruturas cognitivas, revelou para alguns educadores e para algumas escolas brasileiras uma nova possibilidade de ação pedagógica mais baseada na construção do raciocínio do que no aprendizado dos conteúdos (desse tempo, lembramos a fundação pioneira de Lauro de Oliveira Lima e sua família, a escola *A chave do tamanho*).

Para o pesquisador de Genebra a inteligência se constituía por ação do sujeito sobre o mundo. As modalidades de operação ordenavam-se geneticamente numa tendência de complexidade cada vez maior. Embora não houvesse qualquer intenção pedagógica em suas investigações, certamente as conclusões de Piaget e de sua equipe de pesquisadores ofereciam um quadro atraente, convidando à revisão dos procedimentos da escola. À idéia de que em sala o aluno restituía o que antes lhe havia sido ensinado, começa a se opor uma outra, vigorosa, de que o sujeito constrói o conhecimento pelo experimento e, ainda, que é necessário observar o que ele já sabe, pois este será o ponto de partida de sua operação. É com este saber de saída, na teoria de Piaget nomeado *esquemas de assimilação*, que o professor deve interagir de modo a provocar o surgimento de modalidades de operação de uma maior complexidade.

Por esta concepção da psicologia cognitiva o conhecimento do objeto tornava-se encargo dos sujeitos em formação; as aquisições cognitivas constantemente eram modificados pela experiência da resistência própria dos objetos frente aos raciocínios e idéias ordenados para explicar sua natureza ou funcionamento (ao efeito no sujeito da resistência dos objetos aos raciocínios, Piaget chama *acomodação*, movimento complementar à assimilação).

A idéia de atividade concreta e mental, de uma ação para a inteligência, atravessa o universo pedagógico e se intensifica a partir de 1980, quando a pesquisadora argentina Emilia Ferreiro descreve de modo detalhado os patamares de constituição da língua escrita. Olhos curiosos de crianças de até dois anos e meio observavam os adultos em seu uso cotidiano da linguagem e descobriam, anteriormente a qualquer instrução escolar, e mais tarde paralelamente a ela, o modo de funcionamento da escrita e da leitura. Os livros de Emilia Ferreiro e suas inúmeras falas em congressos de alfabetização vão mostrar como a ignorância destes processos de constituição dos objetos leitura e escrita leva a escola a começar o processo de letramento de um ponto zero, localizado numa perspectiva afastada das observações das crianças. O fracasso desse empreendimento é registrado nas estatísticas de ensino da América Latina.

O ato de ensinar nunca mais foi o mesmo desde então. Ele afetou particularmente o lugar do professor, confundido com a instrução. Já que os conteúdos entregues à memória estavam agora sob suspeita, o professor e a escola se viram diante da tarefa de pen-

sar, outra vez e sob novos parâmetros, seu ofício prático e simbólico.

#### 4 - EDUCAR

Freud não se mostrou indiferente às conseqüências pedagógicas de suas investigações. Tocado pela realidade clínica inventou um novo campo da ciência, mas também escreveu sobre a difícil interação entre as descobertas do campo, particularmente as que concernem à sexualidade, e a civilização, exigindo de homens e mulheres que o avanço da humanidade se desse às expensas de suas exigências pulsionais. Em que pese as acusações, algumas acaloradas, de que Freud não pôde desvendar a sexualidade das mulheres, entretanto não é possível deixar de acompanhar em sua obra, particularmente na primeira década, a denúncia do sofrimento feminino causado pela coerção social sobre a vivência da sexualidade. O homem não estava menos à mercê da doença psíquica causada pela civilização, impedido que era de conhecer a sexualidade aliada ao amor, exercendo-a, por inibição social, com prostitutas.

Se nos prendêssemos a esta primeira concepção dos danos psíquicos causados pela repressão da sexualidade, ficaríamos aliviados em pensar quanta modificação as últimas décadas trouxeram e como hoje nossos jovens certamente sofrem muito menos com a inibição da civilização.

Todos estes ganhos, reais, entretanto não seriam capazes de esconder os aspectos que, num segundo tempo de sua investigação, Freud pôde também descobrir: a sexualidade humana nada conhece da simplicidade com que os animais encontram seus congêneres e disparam um comportamento próprio da espécie. A sexualidade humana tem a marca da complexidade própria a seres de linguagem, que representam o mundo como multiplicidade e que precisam aprender, não sem angústia, seu sexo e o daquele que se apresentará como seu objeto.

A crença na liberalidade como solução para a angústia e a infelicidade foi vivida intensamente pelo nosso tempo e não deixou de chegar veementemente à escola. Fazendo contraste com a repressão anterior, ela nos deixava mais orgulhosos de nosso avanço na compreensão das crianças e dos jovens. Podemos dizer que a escola conheceu melhor a primeira teoria freudiana sobre a repressão da civilização do que o segundo tempo, onde ele nos afirma que a questão da felicidade é problemática por causa da própria estrutura da subjetividade.

A educação sempre fora abordada na psicanálise como uma modalidade de sublimação, expressão que nomeava um estado subjetivo de alta valia para a psiquismo. Por que este especial valor? Para a psicanálise sublimar é um dos destinos mais favoráveis ao sujeito, por expressar de modo muito feliz uma falha e uma solução.

Dissemos que a sublimação diz respeito a uma falha; de fato a sublimação não precisa negar uma fa-

lha. A falha é exatamente não termos nossa sexualidade determinada em termos de espécie, nem nossas funções orgânicas organizadas apenas pela necessidade. Todas as ações de nosso corpo são subvertidas tanto pela estética quanto pela ética.

Quando o bebê humano grita, nos diz Freud, alguém se aproxima e interpreta este grito como apelo. Dá-se algo então ao bebê por acreditarmos que é daquilo que ele precisa. O grito entra de imediato numa relação de sentido. Podemos, por este exemplo, observar que a interpretação é sempre interpolada entre o gesto humano e suas conseqüências.

Por isso, como diriam os Titãs, a gente quer comida, diversão, e... Este terceiro termo pode ser preenchido abertamente, como o intervalo no tempo indica. Mas, mais do que isso, o que eu escolher como preenchimento, dada a minha natureza sublimante, poderá, em certas circunstâncias, ser tão eficaz quanto os outros dois termos - comida e diversão - substituindo-os sem prejuízo; pelo contrário, substituindo-os com a alegria nascida da descoberta do inédito. O sujeito humano troca os objetos uns pelos outros. O que Lacan muito especialmente nos dirá, é que nisso não vai qualquer leviandade.

Nada mais distante da visão que Lacan pôde extrair de Freud quanto à subjetividade humana. Por incrível que pareça, este postulado é o postulado da Lei, com maiúscula. Não é possível ao homem ter a ilusão de que qualquer objeto possa ser o que ele perdeu e lhe falta, exatamente porque ele nunca perdeu nada. Ele nasceu votado a uma produção incessante: o homem é um ser cuja idéia de presente está sempre votada à surpresa de um inesperado surgimento.

O homem se move em busca de algo que não está pré-determinado e que aparece sempre como procura. Esta procura é impulsionada exatamente pelo fato de, maleável pela linguagem e pelo raciocínio, o homem se revelar um sujeito em incessante constituição.

Qual a ação educacional que se mostra mais compatível com este modo de existência, isto é, que se inscreve na ética de manter vivo o desejo? O dever de responder a esta pergunta nos faz olhar de novo, com outros olhos, a nossa liberalidade, conseqüência apressada, nascida da repressão da civilização, e duvidar talvez do conforto que ela traz para os que educamos.

Nenhuma liberalidade pode interagir com a máxima do não ceder quanto ao desejo. As liberalidades dizem, ao contrário, que não é preciso crer nos limites. Não ceder quanto ao desejo é uma ascese. Ela é uma incessante prática de consideração da Lei que demarca o impossível e escreve o possível como invenção.

Cada vez que me pedem para falar sobre educação revivo o mesmo espanto. Que ofício impossível, é verdade! Homenageio esta escola e seus professores por insistirem tanto tempo nesta tarefa. Causada por um desejo que se afirma frente às cruéis circunstâncias de nosso país, mais do nunca, neste lugar e neste tempo, a educação se propõe como uma ética. ■

# TEATRO no São Vicente: 20 ANOS

Algumas coisas me dão o que pensar no meu já vivido trajeto de vida. Coisas que passam longe, muito longe daqui.

Como, por exemplo, ter sido menino nascido e criado no sertão nordestino, onde as enchentes e a fartura revezam-se com as misérrimas e os espinhos dos mandacarus nas secas aniquiladoras. Penso nisso com tristeza, mas computo positivamente a experiência.

Penso também no início da minha adolescência, no Seminário Arquidiocesano da Pracinha, em Fortaleza, em meados da década de 50. Toda aquela repressão, aquele calor escaldante da batina, aquelas horas e horas ajoelhado, recitando latim nas minhas orações. No seminário eu dava trabalho aos padres superiores - Padre Almeida, Padre Paiva, Padre Domingos, Padre Vicente Zico e outros. Era um outro tempo; o mundo era mais suado e o *glamour* dos coloridos artificiais eram mais escassos. Era como um filme *noir*. Tempos difíceis, mas pródigos, dos quais me recordo com saudade.

Lembro dos tempos de faculdade, já no Rio, metido nas brigas contra a repressão. Saí bacharel da Faculdade Nacional de Direito - que então era a melhor do Brasil. Era uma faculdade muito atuante, buscando a compreensão para um processo conturbado, autoritário, por vezes sangüinolento. Anos difíceis, anos válidos, muito válidos. Deles me lembro, mas em saudades.

Lembro de pessoas com quem trabalhei no teatro e na televisão,

desde o Ceará: Emiliano Queiroz, Renato Aragão - e no Rio, Fernanda Montenegro, Marília Pera, Paulo Autran, Celso Nunes, entre outros. Pessoas com quem aprendi muito.

Todas as lembranças fortes. Acontecimentos marcantes em minha trajetória.

Mas talvez o evento de maior relevância, a obra de peso em minha vida, de que eu mais possa me orgulhar, seja o fato de ter criado dois grupos de teatro no Colégio São Vicente de Paulo. Criados em plena época da ditadura, esses grupos eram dois canais de protesto e resistência: o grupo **CALABOUÇO** (do 2º grau) e o grupo **FAZ ESCURO MAS EU CANTO** (do 1º grau).

Agora, em 1996, esses grupos me enchem de satisfação, quando os vejo completando 20 anos de atividade ininterrupta. O Calabouço e o Faz Escuro Mas Eu

Canto já encenaram mais de quarenta espetáculos, todos eles tendo expressiva receptividade por parte da comunidade do São Vicente - uma platéia sempre atenta e carinhosa.

O teatro do São Vicente é a atividade cultural viva mais antiga do colégio, todo ano lotando várias noites o auditório. Este é, sem dúvida, um grande motivo de orgulho e alegria.

Para concluir - e como em qualquer grupo nunca se trabalha sozinho - aqui vão meus agradecimentos:

- ao Colégio São Vicente de Paulo, seus diretores e coordenadores, pelo vínculo de confiança;
- aos funcionários que mantêm organizado o nosso espaço, o auditório;
- aos professores que indicam os espetáculos e participam com sua presença;
- à Associação de Pais e Mestres e seus instrumentos (patrocínios, ajuda financeira e espaço para artigos como este, na revista *Chama*);
- aos alunos e pais de alunos que sempre compreenderam a importância de nossa causa;
- ao Grupo Teatral *Sarça de Horeb* e, em especial a Rodrigo Cherulli, companheiro de todas as batalhas.

E estendendo, enfim, o meu **muito obrigado** a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me ajudaram nestes 20 anos de teatro do Colégio São Vicente de Paulo.

*Almir Telles*



# Funcionários do COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

(ordem alfabética)

Abgail Anália de M. Barbosa	Professor 1º Grau	Geraldo Constantino Teodoro	Aux. de Zeladoria
Acer Rossi	Ascensorista	Gerônimo Cabral da Silva	Aux. de Zeladoria
Adahyl Lourenço	Professor 1º Grau	Gerson Vellaco Junior	Professor 1º Grau
Adriana Penna M. da Fonseca	Professor 1º Grau	Gerson Vicente Alves	Auxiliar de Cozinha
Albino Pellizzon Neto	Professor 1º Grau	Gilberto de Carvalho da Silva	Oper. Audiovisual
Alexandre Domingos dos Santos	Aux. de Disciplina	Gilcemar José dos S. Santana	Aux. de Disciplina
Alexandre Rodrigues Junqueira	Professor 2º Grau	Gisele Pinto Costa	Professor 1º Grau
Almir Barbosa do Nascimento	Aux. de Disciplina	Graça Maria Belo do Rosario	Datilógrafa
Almir Terceiro Teles	Professor 2º Grau	Helcy de Britto Franca Soares	Professor 1º Grau
Alzemira de Assis Paula	Professor 1º Grau	Helenita Marques Barbosa	Cozinheira
Andréa Severiano Vieira Cruz	Aux. Depto Pessoal	Heloisa Pereira S. de Carvalho	Coordenação Geral
Angela Maria de R. Paiva	Professor 2º Grau	Hugo Santos Martins Pinheiro	Professor 2º Grau
Antônio Edvaldo Carvalho Silva	Aux. de Portaria	Hugo de Vasconcellos Paiva	Assessor Diretoria
Antônio Luiz de Andrade	Aux. Almoxarifado	Inah Brider	Professor 2º Grau
Antônio Milao Pinto	Ascensorista	Inesia Maria da C. Mendonça	Aux. de Disciplina
Antônio Morais Silva	Aux. de Disciplina	Iranilson de Sant'Anna Leite	Aux. de Portaria
Antônio Silva Moreira	Aux. de Disciplina	Ivan Calixto do Nascimento	Aux. de Portaria
Antônio Soares de Oliveira	Motorista	Ivone Vieira	Professor 1º Grau
Artur Guilherme C. da Motta	Professor 2º Grau	Ivonete Costa Andrade	Aux. de Secretaria
Benedita Souza Caldas Moreira	Cozinheira	Jacqueline Scaglianti	Aux. de Secretaria
Bianor Florencio dos Santos	Aux. de Zeladoria	Jandira Correia Hamacher	Professor 1º Grau
Carla Di Gregorio Porciuncula	Professor 1º Grau	João Carlos Maria de R. Martins	Professor 1º Grau
Carlos Severiano Dantas	Aux. de Zeladoria	João Carlos Rodrigues Gomes	Professor 1º Grau
Cátia Ferreira de Miranda	Professor 2º Grau	João Chagas de Oliveira Netto	Professor 1º Grau
Cátia Oliveira de Carvalho	Professor 1º Grau	João Coutinho de Barros	Professor 1º Grau
Célia Maria Duque E.M. Menezes	Professor 1º Grau	João Manoel de Souza	Aux. de Zeladoria
Cícero Rodrigues de Almeida	Aux. de Zeladoria	Jorge Miranda de Almeida	Professor 2º Grau
Cláudia de Carvalho Marçal	Professor 1º Grau	Jorge Pereira Machado	Professor 2º Grau
Clautenes Antonia F. F. Lopes	Professor 1º Grau	Jorge Ubiraja Marques de Souza	Professor 2º Grau
Conceição Gomes	Professor 1º Grau	José Alceu Silva	Aux. de Zeladoria
Cosme de Souza	Aux. de Zeladoria	José Antônio Rosa Goncalves	Aux. de Disciplina
Cristiane Coelho Pessanha	Professor 1º Grau	José Antônio da Silva	Aux. de Zeladoria
Cristina Muniz Goncalves	Aux. de Disciplina	José Carlos Vieira Campos	Professor 1º Grau
Custódia P. Ferreira da Silva	Aux. Servs. Gerais	José Eduardo de Souza	Professor 1º Grau
Darcy Moreno da Silva	Encarreg. Máquinas	José Eugenio de Macedo	Professor 1º Grau
Débora Maria C. Montano	Professor 1º Grau	José Fernandes da Silva	Coordenação Geral
Dinah Ribeiro Costa	Ass.Diretoria Admin.	José Lopes da Silva	Aux. de Portaria
Dirlene Ferreira Kinup	Aux. de Biblioteca	José Paulo Dias Teixeira	Professor 1º Grau
Edie Botelho de Souza	Vigia	José Ponciano Fernandes	Aux. de Manutenção
Edison Nunes Abreu Teixeira	Professor 1º Grau	José Trajano da Silva	Aux. de Zeladoria
Edna Goncalves Cardozo	Professor 1º Grau	Juarez José de Andrade	Aux. de Disciplina
Edson Boia do Nascimento	Professor 2º Grau	Juçara Costa da Silva	Professor 2º Grau
Edson Rodrigues Teixeira	Aux. de Zeladoria	Kedma de Oliveira Silva	Professor 1º Grau
Eduardo Fernandes Quadra	Professor 2º Grau	Laci Barcelos dos Santos	Receptionista
Elizabeth Damaso dos Santos	Aux. de Disciplina	Laerte Martins Guerra	Professor 1º Grau
Elizabeth Esteves Silva	Professor 1º Grau	Laureliano Costa dos Santos	Aux.de Mecanografia
Elpídio Targine Veras	Professor 1º Grau	Laurinda de Miranda Barbosa	Professor 1º Grau
Etiene Guimaraes Monteiro	Professor 1º Grau *	Lauro José de Oliveira Basile	Professor 1º Grau
Euripes José da Silva	Carpinteiro	Leda Siqueira Machado	Professor 1º Grau
Fatima M. P. T. da Silva	Professor 1º Grau	Leila Alvarenga Bastos	Professor 1º Grau
Filomena Lúcia V. Cavalcanti	Professor 1º Grau	Leila Gomes Ferreira de Paulo	Aux. de Disciplina
Flavia Diniz de Souza Coutinho	Professor 1º Grau	Lenice Reis de Oliveira	Professor 2º Grau
Francisco Carlos da C. Bello	Aux. de Zeladoria	Lenilda de Souza	Aux. de Tesouraria
Francisco Pereira da Silva	Aux. de Zeladoria	Luci de Araujo Moura	Coordenação Geral

Lúcia Justino	Professor 1º Grau	Mosme Benedetto Basso	Professor 1º Grau
Lúcia Maria Gomes da Silva	Aux. de Coordenação	Nanci Raymundo Bezerra	Professor 1º Grau
Lúcia Maria Madeira da Costa	Professor 1º Grau	Nara Barat	Professor 2º Grau
Luiz Claudio de A. Ferreira	Aux. de Disciplina	Neisa Graça Gomes	Professor 2º Grau
Luiz Octavio Alves da Silva	Professor 2º Grau	Neuza de Freitas Bastos	Professor 1º Grau
Luiz Roberto Barcelos	Professor 2º Grau	Nice Pereira dos S. Ballado	Professor 1º Grau
Luiz Sergio Dias	Professor 2º Grau	Nina Maria Vernes T. da Cunha	Coordenação Geral
Luiza Regina Mattos Braga	Professor 2º Grau	Noêmia Bittencourt Cavalcanti	Professor 1º Grau
Manoel Chagas da Silva	Aux. de Zeladoria	Norma Cristina Nogueira	Professor 1º Grau
Marçal Versiani dos Anjos	Professor 2º Grau	Norma Thereza M. G. de Andrade	Coordenação Geral
Márcia F. Nascimento da Silva	Aux. de Enfermagem	Patrícia Mendes Rubim	Coordenação Geral
Márcia Lima Vitoria de Abreu	Professor 1º Grau	Patrícia Soares Santos Costa	Professor 2º Grau
Márcia de Assis Vieira	Professor 1º Grau	Paulo Pereira Nascimento	Coordenação Geral
Marco Antônio G. de O. Menezes	Professor 2º Grau	Reiginaldo Cercilier Barbosa	Vigia
Marco Antônio Silva de Amorim	Aux. de Portaria	Ricardo Oliveira da Silva	Professor 1º Grau
Marco Antônio da Silva Gomes	Professor 1º Grau	Ricardo de Oliveira	Professor 2º Grau
Marco Antônio dos S. Casa Nova	Professor 2º Grau	Rita Maria dos Santos Leandro	Copeira
Marcos Eduardo de S. Cardoso	Ch. Deptº Pessoal	Roberto Benetti Mallet	Professor 2º Grau
Margarida Maria Nunes Monteiro	Professor 1º Grau	Rogério Forti	Professor 2º Grau
Maria Alice F. Franca Barradas	Professor 1º Grau	Ronaldo Forti	Professor 2º Grau
Maria Amélia do N. Lima	Aux. Servs. Gerais	Rosana Lopes Perez	Coord. de Disciplina
Maria Celeste da Costa Reis	Professor 1º Grau	Rosana Mota Coelho da Silva	Professor 1º Grau
Maria Cláudia de Amorim	Professor 1º Grau	Rosane Rocha da Silva	Aux. de Papelaria
Maria Concetta Centola Lamori	Professor 1º Grau	Rose Mary da Mota O. Manhaes	Professor 1º Grau
Maria Cristina G.de G.Monteiro	Professor 1º Grau	Rosenildo José Gomes	Aux. de Zeladoria
Maria Cristina Lima Rodrigues	Ass.Diretoria Admin.	Rosiara Pereira Cavalcanti	Professor 1º Grau
Maria Cristina Maciel Teixeira	Professor 1º Grau	Rozani Clementina Nascimento	Operadora de Micro
Maria Cristina Petiz	Tesoureira	Rozilda Batista Sanches	Aux. Depto Pessoal
Maria Cristina S. P. Caldas	Coordenação Geral	Sandra Maria Motta Marques	Professor 1º Grau
Maria Eleonora Mateus Caldeira	Professor 2º Grau	Sebastião Joaquim da Silva	Aux. de Portaria
Maria Eliane de O. Figueiredo	Aux. de Biblioteca	Seimar Magalhaes Sant'Anna	Professor 1º Grau
Maria Emilia Martins Alves	Encarregada Cozinha	Sérgio Benedito Maia	Professor 1º Grau
Maria Eugenia Carvalho Pondé	Professor 2º Grau	Sérgio Luiz Alves Drago	Professor 1º Grau
Maria José Oliveira Silva	Aux. de Disciplina	Sérgio Miguel Turcatto	Professor 1º Grau
Maria Lúcia Vasconcelos Gomes	Professor 1º Grau	Severino Firmino de Farias	Aux. de Zeladoria
Maria Margarida C. F. de Souza	Professor 1º Grau	Severino Pereira da Silva	Motorista
Maria Neide da Silva	Aux. de Secretaria	Severino Ramos B. de Moura	Aux. de Zeladoria
Maria Rosa Momesso de Castro	Professor 1º Grau	Sheila Dain	Professor 2º Grau
Maria Teresa Naylor Rocha	Professor 2º Grau	Silvéria de Jesus Nascimento	Aux. Servs. Gerais
Maria da Conceição Santos	Aux. Servs. Gerais	Solange Goncalves Borba	Coordenação Geral
Maria da Graça S. Vasconcelos	Professor 1º Grau	Sônia Freire de Castro	Secretaria
Maria das Neves Oliveira	Professor 1º Grau	Sônia Maria Gomes Silveira	Professor 1º Grau
Maria de Lourdes Rangel Tura	Coordenação Geral	Sônia Maria Sousa Guimaraes	Professor 1º Grau
Maria de Lourdes de A.Trindade	Professor 2º Grau	Sônia Regina dos Santos Bueno	Professor 1º Grau
Maria do Socorro dos Santos	Aux. Servs. Gerais	Sônia Santos da Silva	Bibliotecária
Mariza da Silva Nobre	Professor 1º Grau	Sueli Santana Machado	Secretaria de Coord.
Marlene Lydia Bluhm	Coordenação Geral	Sueli de Lima Moreira	Professor 1º Grau
Marlene M. de Figueiroa Reis	Coord. de Disciplina	Tânia Maria de Oliveira	Datilógrafa
Marlene de Araujo	Professor 2º Grau	Tânia da Silveira Cardona	Professor 2º Grau
MarLúcia Silva de Oliveira	Professor 1º Grau	Terezinha Cunha	Professor 1º Grau
Marly Gomes Correa	Mecanografa	Ubirajara Melo dos Santos	Professor 2º Grau
Marly Marreiro do N. Januario	Aux. Depto Pessoal	Valerio Bartelli	Aux. de Manutenção
Maurício Mittelman	Professor 2º Grau	Vânia Maria de M. Castro Remy	Operadora de Visual
Maurício Nogueira Krause	Professor 1º Grau	Vera Costa Pereira Bomfim	Professor 2º Grau
Miguel Carlos Blacutt Lopes	Professor 1º Grau	Vilma Gledice Lins Cavalcanti	Professor 1º Grau
Miriam Saboni	Professor 2º Grau	Wander Francisco de Paula	Coordenação Geral
Mônica Alves da Silva	Aux. de Disciplina	Wilka Maria Paschoal C. Brito	Coordenação Geral
Mônica Miceli Roque	Professor 1º Grau	Willian Alves dos Reis	Secretário Diretor

# Um sonho realizado



**T**udo começou porque as meninas não podiam jogar futebol. Então resolvi ir de sala em sala, junto com a minha amiga Stefane, perguntar quem queria jogar futebol.

Muitas meninas gostaram da idéia e até algumas professoras. No mesmo dia, fizemos uma reunião no pátio, em frente à cruz de Cristo. Foram quase quarenta meninas.

Resolvemos fazer uma chamada de nomes para ver se todas as meninas que queriam jogar futebol estavam presentes.

Decidimos falar com a Lurdinha para pedir um dia de futebol feminino no recreio. Tivemos o apoio do colega Pedro Pirim, da T.24.

Demorou um pouco, mas conseguimos. O futebol no recreio, às terças e quintas. O juiz é o inspetor Juarez.

Eu acho que os meninos estão gostando, as meninas adorando e o juiz não sei, porque a cada gol que eu faço dou um abraço nele.

Vai lá ver, um dia, a gente jogar!

**Maria Carolina - T.22**

# A Escola-Memória

O escritor tcheco Milan Kundera, ao descrever a atmosfera de seu país em *Le livre du rire et de l'oubli*, assim descreve a corrente inexorável das mídias:

*"O assassinato de Allende bem depressa encobriu a lembrança da invasão da Boêmia pelos russos, o massacre sangrento de Bangladesch fez esquecer Allende, a guerra no deserto do Sinai cobriu com o seu alarido as queixas de Bangladesch, os massacres do Camboja fizeram esquecer o Sinai e assim por diante, assim por diante, assim por diante, até o esquecimento completo de tudo por todos."*

Quem vive dentro das mídias perde a memória; e também o sentido das coisas importantes. A lei do jornalismo é a do anormal. Só o que está fora das normas interessa ao jornalista. Assim, quando o tecido da história é feito de acidentes e de erupções vulcânicas, nem sequer há mais o "fio da história". Há somente uma seqüência de choques emocionais.

Ontem, o homem equilibrado era o homem encarnado numa terra e numa história. Hoje, à velocidade da eletricidade, manter-se de pé é, simplesmente, manter-se dentro do movimento, como no metrô das horas de pico, apertado entre o fluxo e o refluxo dos grupos em movimento. O culto da história é substituído pelo culto das sensações. Os novos ricos não têm mais necessidade de tradições, nem sequer de produtos de consumo, mas somente de novas sensações.

Após ter observado a perda de memória como consequência das mídias, Milan Kundera nota como seu povo é morto pelo fato de lhe matarem a memória. "Considero muito significativo que Husak tenha mandado expulsar das universidades e dos institutos científicos 145 historiadores tchecos... Para liquidar os povos, começa-se por tirar-lhes a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E algum outro lhes escreve outros livros, dá-lhes uma outra cultura e lhes inventa uma outra história. Depois, o povo começa a esquecer o que é e o que era." "E por que nos tirariam a língua?" "Não será mais que um folclore que, cedo ou tarde, morrerá de forma natural."

Teria sido por compreender a importância da memória na vida de um povo que Quebec adotou como slogan, nas placas mineralógicas dos anos 80, a expressão: "Eu me lembro?" Essa poderia ser também uma das mais eminentes funções da escola de nosso tempo: lembrar-se! Ser o lugar onde se ensina e se conserva a memória na civilização que faz perdê-la.

Por isso queremos que, na escola de amanhã, se reserve um lugar importante para a biblioteca-midioteca. Não um lugar apertado e poeirento, mas vasto e agradável, onde se encontrem lado a lado a mesa de trabalho, a coleção de revistas ou magazines, livros, discos, documentos audiovisuais etc. Deveriam suprimir o que outrora chamavam de sala de estudos e substituí-la por salinhas contíguas ao prédio central da biblioteca-midioteca. Seria ali que os professores encontrariam seus alunos em pequenos grupos, ali que se fariam todos os trabalhos individuais. Um lugar em que se passasse o tempo: é preciso tempo para criar raízes.

A escola de ontem era consruída em torno das salas de aula e de estudo. A escola da civilização audiovisual eletrônica poderá ser construída em torno da biblioteca-midioteca. Memória do passado e radar das grandes correntes de hoje, pelo menos tais como podem ser filtradas em certos jornais, revistas e documentos audiovisuais.

Biblioteca-midioteca, dissemos. Ao mesmo tempo, lugar de livros pelos quais eu me situo e estímulo meu raciocínio, mas também lugar do audiovisual, pela qual junto a abordagem global e sensorial linear. Na Universidade de Sydney, cerca de metade dos documentos é de ordem audiovisual: gravações sonoras, filmes, vídeo, fotos.

Dizem que as crianças de hoje aprendem mais coisas fora da escola que dentro. Pode ser verdade. Mas será sempre na escola que se aprenderá o que fica, a gramática do mundo e a ordem das coisas.

(Do livro *Os Novos Modos de Compreender*.  
Pierre Babin. Edições Paulinas)

**EDUCAÇÃO, PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA**

Um contrato  
de risco:  
**ensinar,  
educar,  
transmitir**

**cara a cara**  
**com as** *DROGAS*  
estamos suficientemente informados?

